

Sofia Cristina Pretzel

**O INTERCÂMBIO ACADÊMICO-CULTURAL COMO FERRAMENTA DE *SOFT*
POWER: O CASO NORTE-AMERICANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Relações Internacionais da Universidade de Santa Cruz do Sul, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Mariana Dalalana Corbellini.

Coorientadora: Cristiana V. Mueller.

Santa Cruz do Sul

2021

AGRADECIMENTOS

Neste momento de muita emoção e alegria, gostaria de expressar minha gratidão àqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu agradecimento inicial será àqueles que sempre foram meu porto seguro, desde o início da minha vida escolar, até o final da graduação: minha família. Pai e mãe, obrigada por serem o meu refúgio nos dias difíceis, pela compreensão da minha ausência para a realização deste trabalho. Serei eternamente grata pelo amor e apoio que recebi de vocês, pois isso me permitiu buscar novos conhecimentos, superar obstáculos e conquistar objetivos.

Minhas irmãs, Luísa e Laura, obrigada por serem parte de mim e me completarem. Com vocês a vida é mais colorida e mais bonita. Agradeço profundamente por cada momento único ao lado de vocês.

Ao meu noivo, pelo amor, carinho e zelo. Por estar sempre presente, sorrindo, estendendo a mão, me envolvendo em um abraço. Era tudo o que eu precisava.

À minha mami do coração, Maria Elena, pelas incansáveis conversas que me deram luz quando tudo era incerto. Teu apoio desde sempre foi muito importante para mim.

Minha gratidão, em especial, às pessoas que me ajudaram desde o início desta jornada de aprendizado: minha orientadora Mariana, e coorientadora Cristiana. Obrigada por todo acompanhamento, sabedoria e leveza, por terem me proporcionado uma experiência enriquecedora. Vocês foram peças chave para a concretização deste trabalho. Eu o dedico a vocês!

Aos tantos mestres que passaram por minha vida acadêmica, compartilhando sabedoria e deixando um pouco deles em mim: professor Oscar Graeff, professor Camilo Darsie, professor Mateus Skolaude, obrigada por contribuírem com minha formação de uma maneira especial. Vocês são demais!

Por fim, agradeço as oportunidades e desafios que surgiram em minha vida, pois sem eles, eu não teria sido quem eu sou hoje!

RESUMO

A partir do século XX, houve transformações consideráveis no cenário mundial que provocaram reflexões sobre o conceito de poder. Ao observar estas mudanças, o cientista político Joseph Nye Jr. introduz o conceito de *Soft Power*, termo utilizado para descrever a habilidade de um país para alcançar objetivos desejados por meio da cooperação, conquistando nações pela admiração de seus valores culturais e políticos. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho consiste em identificar a importância da cultura nas relações internacionais, analisando as vantagens dos Estados Unidos ao utilizar intercâmbios acadêmico-culturais como ferramentas de *Soft Power*. Com o intuito de compreender a relevância dos intercâmbios para a promoção da cultura norte-americana, apresenta-se alguns elementos importantes que corroboram com a propagação do *Soft Power* norte-americano através da educação e da cultura. Por conseguinte, de modo a elucidar o estudo, o programa de intercâmbios *Fulbright* é apresentado, trazendo exemplos de diferentes oportunidades de estudo promovidas pelos Estados Unidos. Assim, a partir deste trabalho, identifica-se como o intercâmbio acadêmico-cultural é uma ferramenta importante de *Soft Power* em termos educacionais, proporcionando uma troca cultural entre nações, e ao mesmo tempo, fortalecendo a diplomacia pública de um país.

Palavras-chave: Poder. *Soft Power*. Cultura. Intercâmbio cultural. Diplomacia pública.

ABSTRACT

From the 20th century onwards, there were considerable changes in the world scenario, causing some reflections on the concept of power. By recognizing these changes, political scientist Joseph Nye Jr. introduces the concept of Soft Power, a term used to describe a country's ability to get desired outcomes through cooperation, engaging other countries through its cultural and political values. In this sense, the aim of this study is to identify the importance of culture in international relations, analyzing the advantages that the United States have by using academic and cultural exchange programs as a Soft Power tool. In order to understand the importance of exchange programs in promoting the North American culture, some important elements that contribute to the dissemination of North American Soft Power through education and culture are introduced. Therefore, to elucidate the study, the Fulbright program is introduced, and some examples of different study opportunities promoted by the United States are illustrated. Finally, from this study, it is clear that the academic and cultural exchange programs are really important Soft Power tools in educational terms, providing a cultural exchange between nations, and at the same time, fostering a country's public diplomacy.

Keywords: Power. Soft Power. Culture. Cultural exchange. Public diplomacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Os tipos de poder conforme Nye Jr. (2004)	14
Figura 1 –	Subíndices do <i>Soft Power</i> de acordo com McClory (2019)	17
Figura 2 –	Dados e fontes utilizados para elaboração do relatório de McClory (2019), destacando o subíndice cultura	19
Figura 3 –	Dados e fontes utilizados para elaboração do relatório de McClory (2019), destacando o subíndice educação	19
Figura 4 –	Crescimento ao longo prazo de estudantes internacionais de nível superior em todo o mundo, 1975-2013	34
Figura 5 –	Evidências de <i>Soft Power</i> desenvolvidas nos Estados Unidos em ordem cronológica	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	Problema de pesquisa.....	8
1.2	Hipótese	8
1.3	Objetivo geral	9
1.3.1	Objetivos específicos.....	9
1.4	Justificativa	9
1.5	Considerações metodológicas iniciais	10
2	PODER E CULTURA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	12
2.1	<i>Soft Power</i>	12
2.2	Cultura	20
3	METODOLOGIA	28
4	A INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS NO MUNDO: INTERCÂMBIO CULTURAL E O PROGRAMA FULBRIGHT.....	31
4.1	O intercâmbio cultural.....	31
4.2	O caso norte-americano	35
4.2.1	Inglês como Língua Franca	35
4.2.2	Hollywood.....	36
4.2.3	Diplomacia Pública.....	37
4.2.4	Difusão do Ensino Superior	37
4.2.5	Intercâmbio	39
4.3	<i>A Fulbright</i>	42
4.3.1	<i>Fulbright: aplicação prática do exemplo do estudo por meio de entrevistas</i>	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICES	
	APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas	58

1 INTRODUÇÃO

O conceito de poder evoluiu muito ao longo do tempo. No século XX, o poder de um país era medido através de sua capacidade militar e econômica, ou seja, utilizava-se da coação para induzir e influenciar a conduta da sociedade. Porém, sabe-se que com o processo de globalização o cenário global mudou, as pessoas passaram a estar mais conectadas e a maneira de exercer poder sobre o comportamento delas também se modificou.

Através da perspectiva de que todos os países buscam obter poder, faz-se importante definir o termo que será estudado neste trabalho. Em linhas gerais, poder significa ter a capacidade de fazer algo sem impedimentos. Nas relações internacionais, representa ter a habilidade de dominar e controlar outros atores internacionais por meio da influência de seus comportamentos (CASTRO, 2012). Assim, com o avanço das tecnologias e das relações estabelecidas através da informação, os atores passaram a criar novas formas de atuação e o conceito de poder sofreu transformações. Ele pode ser usado com o intuito de promover valores, ideias e cultura a fim de influenciar a conduta e os interesses das pessoas. Esta última concepção possui grande importância para a elaboração deste trabalho, pois este tipo de poder é chamado de *Soft Power*, idealizado pelo cientista político Joseph Nye Jr. Este conceito será abordado e analisado através de uma perspectiva cultural, uma vez que a finalidade desta pesquisa é examinar o papel do intercâmbio cultural enquanto recurso de influência utilizado pelos Estados Unidos para promover sua cultura e disseminá-la ao redor do mundo.

Diante disso, o presente trabalho parte do questionamento acerca da importância da cultura no campo das Relações Internacionais, relacionando os conceitos de cultura e poder. Assim, a partir da contribuição do próprio Nye Jr. em seu livro *Soft Power: The means to success in world politics* (2004), é possível entender que quando a cultura de um país promove valores universais, outras nações podem se identificar facilmente e ela se torna naturalmente atrativa para os outros. Por isso, o intercâmbio acadêmico será analisado como difusor cultural através da concepção de poder brando para identificar como os Estados Unidos promovem sua cultura e potencializam seu *Soft Power* ao redor do mundo.

O intercâmbio cultural pode ser concebido como uma ferramenta poderosa da diplomacia pública de um país, que sempre foi muito bem explorada pelo país norte-americano (NYE JR., 2004). Cabe destacar que os Estados Unidos utilizam deste instrumento de *Soft Power* desde 1940, intensificado em 1946, com a fundação do programa de intercâmbios educacionais e culturais *Fulbright*, que perdura até os dias de hoje e será apresentado neste trabalho.

O objetivo geral deste estudo é identificar como a cultura norte-americana se fortifica através destes programas e de que maneira eles podem ser concebidos como ferramenta de *Soft Power* norte-americano, através de sua influência, ideias e políticas para com outras nações. Assim, este trabalho traz maior destaque aos elementos cultura e educação, considerando as vantagens dos Estados Unidos ao investir e utilizar o intercâmbio para disseminar conhecimento, bem como seus valores, percepções e cultura internacionalmente.

1.1 Problema de pesquisa

Através deste trabalho, pretende-se analisar o conceito de intercâmbio como instrumento de difusão cultural de *Soft Power* a partir das contribuições do cientista político Joseph Nye Jr. para responder o seguinte questionamento: Qual a importância do intercâmbio cultural como ferramenta de *Soft Power* para os Estados Unidos?

1.2 Hipótese

A cultura pode ser considerada um conceito crucial ao refletir sobre as interações realizadas dentro do sistema internacional. Ela conecta grupos sociais através de valores, língua, identidades, costumes, conhecimento etc. Em virtude das transformações do cenário global e das inovações sociais e tecnológicas, pode ser concebida como recurso de poder através de programas de intercâmbio culturais, por exemplo. Por meio da troca de ideias, valores e percepções entre nações, os intercâmbios estimulam a cooperação internacional.

Entender os conceitos de cultura através de intercâmbios culturais é fundamental para a promoção e compreensão das nações no cenário mundial. Ademais, o desenvolvimento de ações como programas de bolsas de intercâmbio pode fortalecer as relações de influência de um país, como os Estados Unidos, em relação a outros, atraindo pesquisadores e estudantes do exterior para conhecer sua cultura e disseminá-la em seus países. Segundo Nye Jr. (2004), o intercâmbio é um dos pilares do *Soft Power* e uma das maneiras em que a cultura pode ser transmitida.

Por isso, torna-se importante fazer o uso deste instrumento cultural de *Soft Power*, pois ao criar e promover programas de intercâmbios, os Estados Unidos oportunizam o conhecimento e vivência de sua cultura para pessoas de diversas partes do mundo. Dessa maneira, trabalhamos com a hipótese de que o intercâmbio, como instrumento cultural de *Soft Power*, traz benefícios para os Estados Unidos, ampliando sua influência internacional e, conseqüentemente, aumentando seu poder na esfera internacional.

1.3 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo geral identificar a importância do intercâmbio cultural como instrumento de *Soft Power* norte-americano.

1.3.1 Objetivos específicos

- a) Definir o conceito de *Soft Power* nas Relações Internacionais.
- b) Analisar a importância da cultura dentro das Relações Internacionais, considerando o *Soft Power* e a diplomacia pública.
- c) Identificar o intercâmbio cultural como difusor de *Soft Power*, destacando o caso norte-americano.
- d) Apresentar o programa de intercâmbios *Fulbright* de modo a compreender de que forma os intercâmbios contribuem para a promoção da cultura norte-americana ao redor do mundo.

1.4 Justificativa

Poder, em especial o *Soft Power*, é um conceito muito importante nas Relações Internacionais. Ele foi desenvolvido pelo cientista político Joseph Nye Jr. para explicar a situação norte-americana ao observar as transformações do século XX. Em decorrência destas mudanças, observou-se que o conceito de poder não era mais visto somente como militar (*Hard Power*), ele também poderia ser utilizado para promover valores, ideias e cultura (*Soft Power*) a fim de influenciar o comportamento e interesses de outros países a favor de uma nação. Na política internacional, Nye Jr. (2004) declara que a cultura é um dos pilares essenciais que produzem o *Soft Power*, através dos valores políticos e práticas internas de um país e na forma como desempenha suas relações com os outros.

Assim, a análise da cultura na esfera internacional é de suma importância, pois ela é instrumento usado para conectar os atores que fazem parte do sistema internacional. Estes atores são constituídos por indivíduos que possuem valores, ideias e opiniões, elementos que refletem diretamente na dinâmica internacional. No entanto, a cultura sempre foi vista como conceito secundário nas relações internacionais, especialmente por teóricos realistas como Hans Morgenthau (2003) e John Herz (1950). Porém, em função das mudanças na forma de como o poder pode ser empregado e as transformações da sociedade principalmente após o século XX,

a cultura tem se mostrado um conceito importante a ser analisado, já que ela pode ser concebida como recurso efetivo de *Soft Power*.

Segundo Martins (2002, p. 18), “a cultura que enquadra e altera as relações sociais ingressa forçosamente na equação do poder como fator decisivo”. Além disso, McClory (2013) considera o intercâmbio cultural como ferramenta poderosa na diplomacia pública, que pode ser definida como os esforços de um país para criar e manter relacionamentos com públicos de outros países para promover políticas e ações, ou seja, a diplomacia pública trata do desenvolvimento e tratamento das relações entre um estado e seus públicos estrangeiros. Parte deste processo envolve persuasão, e Joseph Nye mostra que esta é uma parte importante do *Soft Power* - a capacidade de influenciar o público estrangeiro a aceitar ou concordar com a agenda de política externa do país (MCCLORY, 2019). Desta forma, os programas de intercâmbio podem ser caracterizados como propagadores de cultura, disseminando conhecimento e valores culturais. Por isso, a cultura está ligada às Relações Internacionais, pois pode ser utilizada como estratégia de diplomacia pública e cultural para avançar a influência de um país, ganhando espaço no cenário global.

Além disso, este tema tem um significado muito grande para a pesquisadora na condição de professora de inglês, na qual durante oito anos compartilha conhecimento e cultura através da língua inglesa. E também, como aluna do curso de Relações Internacionais já teve a oportunidade de participar de um intercâmbio cultural no Canadá e viver esta experiência na prática.

Deste modo, a trajetória e as experiências adquiridas pela pesquisadora a motivaram a realizar o estudo acerca do intercâmbio cultural como ferramenta importante nas relações internacionais, considerando a cultura um dos elementos mais importantes do *Soft Power* para a promoção das ideias e valores de um país.

1.5 Considerações metodológicas iniciais

A primeira parte do trabalho é desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica, considerando produções acadêmicas relevantes à temática apresentada. Portanto, o trabalho está estruturado em três capítulos centrais, além da introdução e conclusão. O primeiro capítulo apresenta a proposta inicial da pesquisa. No segundo capítulo, introduz-se o referencial teórico que orienta o estudo, discorrendo sobre o conceito de *Soft Power* através das percepções de autores como Joseph Nye Jr. (2004, 2008) e de McClory (2019) que juntos trazem uma abordagem contemporânea acerca do conceito supramencionado. Uma das obras significativas

para a construção deste trabalho é a de Joseph Nye Jr. (2004) - *Soft Power: the means to success in world politics*, a respeito do conceito de *Soft Power*, a qual retrata a importância da influência de um país como recurso de poder. Em sua obra, utiliza como exemplo os Estados Unidos que fazem uso da atração, sem utilizar da força coativa para alcançar um objetivo almejado. Outra produção de suma relevância a ser considerada é a de McClory: *The Soft Power 30 Report* (2019), que traz contribuições inovadoras a respeito do *Soft Power*, juntamente com um *Ranking* global na tentativa de medir o *Soft Power* de diferentes países do mundo. Esta última obra tem grande valor para a análise, visto que trata de informações significativas acerca de cultura e educação, considerando indicadores como a importância de *Hollywood*, destacando número de filmes exibidos nos principais festivais de cinema e a relevância da difusão do ensino superior, apontando o número de estudantes internacionais no país e o número de principais universidades globais. Estas métricas são relevantes para a pesquisa, pois demonstram recursos utilizados pelos Estados Unidos que atraem estudantes ao redor do mundo para estudar no país e disseminar seu *Soft Power*.

No decorrer do texto, se faz importante assimilar os conceitos de cultura, diplomacia pública e cultural para compreender suas dimensões dentro das Relações Internacionais. Concomitantemente, as contribuições de autores como Martins (2002) e de Coelho e Mesquita (2013) são consideradas, acerca das definições de cultura e suas interpretações a fim de relacioná-las com o objeto de estudo e assimilar como a cultura norte-americana é disseminada ao redor do mundo.

O terceiro capítulo consiste na metodologia de análise aplicada neste trabalho, explanando as razões e as técnicas escolhidas pela autora. Dando sequência a análise do trabalho, o quarto capítulo é apresentado. Nesta seção, o termo intercâmbio é contextualizado de maneira ampla, e logo após, o estudo do caso norte-americano é introduzido, através de uma tabela cronológica a fim de evidenciar alguns fatos marcantes que comprovam a evolução do *Soft Power* nos Estados Unidos. Assim, é possível notar que o país norte-americano se utiliza de diferentes recursos para atrair estudantes e disseminar seu poder brando ao redor do mundo.

Para dar segmento a análise do trabalho, o programa de intercâmbios *Fulbright* é retratado, e para tanto, são utilizados dados do site do programa *Fulbright* a fim de explicar como estes programas de intercâmbio acontecem nos Estados Unidos. Além disso, esta parte versará sobre a coleta de dados, a qual são realizadas entrevistas semiestruturadas cujos resultados estão descritos neste trabalho.

2 PODER E CULTURA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Nesta seção do trabalho, discorre-se sobre os seguintes temas: O *Soft Power* e a cultura. Primeiramente, busca-se definir o conceito de *Soft Power* nas relações internacionais e entender suas definições através das concepções de Joseph Nye Jr. e de outros autores contemporâneos como Jonathan McClory (2019), Estevão Martins (2002) e Thales Castro (2012), entre outros. Em seguida, é estabelecida a ligação entre *Soft Power* e cultura observando o importante papel da cultura para a diplomacia pública no sistema internacional.

Ao decorrer do texto, o termo *Soft Power*, cunhado por Nye Jr., é introduzido aos leitores. Este conceito é fundamental para a pesquisa, uma vez que a argumentação construída neste trabalho gira em torno de como a cultura pode ser usada como ferramenta de *Soft Power* através de programas de intercâmbio.

Faz-se importante o aprofundamento teórico do conceito de cultura, através de uma percepção antropológica e política para melhor entender as relações sociais que acontecem dentro do contexto internacional. Posteriormente, os termos de diplomacia pública e cultural são apresentados, ressaltando a importância cultural de um país para conquistar credibilidade internacional. Sendo assim, é possível perceber que estes termos podem ser entendidos como meios de comunicação utilizados para propagar valores, cultura e conhecimento, a fim de avançar a influência nacional de um país.

Portanto, durante todo o trabalho busca-se enfatizar o papel importante que a cultura tem e o que ela representa para as relações internacionais. Além disso, objetiva-se compreender como ela pode ser utilizada como fonte de poder, tratando principalmente do caso norte-americano e suas contribuições para o sistema internacional.

2.1 *Soft Power*

O conceito de poder tem grande relevância nas Relações Internacionais. Na história da humanidade, o poder sempre foi mensurado pela quantidade de poder bélico, exército e recursos econômicos que uma nação tinha. Porém, com a ascensão da globalização e a evolução dos meios de comunicação, a sua concepção foi sendo modificada e ao observar as mudanças e transformações do final do século XX, Joseph Nye Jr. cria o conceito de *Soft Power*.

Para melhor elucidar este termo, faz-se importante estabelecer uma definição acerca da palavra poder. No senso comum, poder significa obter controle sobre algo ou alguém. No campo das Relações Internacionais, o termo poder pode ser entendido como “a capacidade de

fazer, produzir ou destruir, como também de influir sobre a conduta ou os sentimentos dos outros indivíduos” (ARON, 2002 apud CASTRO, 2012, p. 169), ou seja, significa a habilidade que um ator internacional tem de instituir a sua vontade aos demais. Seguindo uma perspectiva similar, Nye Jr. (2004) define poder como um elemento capaz de produzir resultados almejados a partir da habilidade de influência exercida no comportamento de outros e faz a distinção entre *Hard Power* e *Soft Power*.

O *Hard Power*, segundo Nye Jr. (2004), é definido como poder de comando, que consiste na habilidade de mudar o que os outros fazem, e é caracterizado por utilizar a coerção e a força para atingir um resultado almejado. Historicamente, este termo pode ser utilizado para descrever as guerras, onde o uso de poder bélico era aplicado para conquistar novos territórios e manipular nações. Neste sentido, quanto maior era a força militar de um país, mais poder ele tinha. Porém, Nye Jr. ressalta em sua obra que existe outra forma de poder, a qual não utiliza recursos militares, mas sim, faz uso da atração para conseguir alcançar objetivos desejados. Este tipo de poder é chamado de *Soft Power*, termo designado por ele para descrever a habilidade de uma nação de atrair e persuadir sem o uso da força militar, ameaças ou pagamentos.

Segundo Nye Jr. (2004), o *Soft Power* nasce da atratividade da cultura, ideias e políticas de um país. O autor disserta sobre o quanto a sedução é mais efetiva do que a coerção, fazendo assim com que outros queiram os mesmos resultados que uma nação, através da influência e atração, juntamente com a habilidade de moldar a preferência de outros. Para Nye Jr., esta é a essência do *Soft Power*. Desta forma, um país pode alcançar seus objetivos e metas, pelo fato de que outras nações queiram segui-lo, admirando sua cultura, seguindo seus valores e exemplo, possibilitando abertura internacional, bem como a prosperidade mundial (NYE JR., 2004).

No quadro a seguir, é possível notar as diferentes formas de poder e suas características de acordo com a representação de Nye Jr. em sua obra *Soft Power: the means to success in world politics* (2004)

Quadro 1 – Os tipos de poder conforme Nye Jr. (2004)

	Comportamentos	Moedas primárias	Políticas governamentais
PODER MILITAR	Coerção Dissuasão Proteção	Ameaças Força	Diplomacia coercitiva Guerra Alianças
PODER ECONÔMICO	Incitamento Coerção	Pagamentos Sanções	Socorro Propina Sanções
SOFT POWER	Agenda pautada através da atração	Valores Cultura Políticas Instituições	Diplomacia pública Diplomacia bilateral e multilateral

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Nye Jr. (2004).

Através da observação do Quadro 1, é possível identificar o poder militar e o poder econômico como elementos de *Hard Power*, pois utilizam estratégias mais invasivas como a aplicação de ameaças e induções, fazendo uso da força e praticando punições. Por outro lado, observa-se que o *Soft Power* atua por meio da cooperação para alcançar seus objetivos. Assim, ao invés de empregar a imposição, o *Soft Power* utiliza a atração através de elementos intangíveis criando oportunidades de relação entre os agentes, conquistando o poder através da influência.

Ao introduzir a importância dos tipos de poder e seus mecanismos, Nye Jr. (2004) apresenta considerações acerca dos recursos de poder. Para ele, o poder é transmitido por meio de recursos, sejam eles tangíveis ou intangíveis. Como recursos tangíveis, Nye Jr. (2004) compreende o uso da força militar, ameaças, poder bélico e sanções econômicas que um país pode utilizar. No entanto, existem também recursos intangíveis que dizem respeito à atração, mudanças de preferências e comportamentos para o alcance da efetiva influência de um Estado sobre o outro. Estes recursos nascem dos “valores que um país ou uma organização expressa na sua cultura, nos exemplos que dá por meio de suas práticas internas e políticas, e na forma como trata suas relações com os outros” (NYE JR., 2004, p. 8, tradução nossa). Estes podem ser compreendidos como recursos de *Soft Power*.

Assim, pensando nas mudanças e transformações das formas de poder ao longo do tempo, percebe-se a relevância dos recursos intangíveis de *Soft Power* no contexto multipolar das relações entre os atores internacionais. Elementos como tecnologia, educação, economia, comunicação estão em constante desenvolvimento e expansão, tornando o próprio poder menos tangível e coercitivo, corroborando com a ideia de Nye Jr. quando menciona que:

a capacidade de estabelecer preferências tende a estar associada com ativos intangíveis, como uma personalidade atraente, cultura, valores políticos e instituições, e políticas que são vistas como legítimas ou tendo autoridade moral. Se um líder representa valores que outros desejam seguir, custará menos para liderar (NYE JR., 2004, p. 6, tradução nossa).

Neste amplo contexto de mudanças, em leitura mais recente no seu livro “*The Future of Power*”, Nye Jr. (2011) disserta sobre o poder relacional e as faces do poder. Ele continua a discussão acerca de recursos tangíveis e intangíveis, porém apresenta-os como meios que constituem as relações de poder e dependem do comportamento das pessoas em um dado contexto. Em outras palavras, Nye Jr. (2011) traz a concepção de que o poder no sistema internacional envolve recursos e comportamentos, porém aponta que os resultados almejados vão depender dos contextos e das habilidades de um país em converter recursos em estratégias.

Cabe acrescentar que além de o autor distinguir as definições de recursos e comportamentos, ele identifica três aspectos importantes do poder das relações os quais se apresentam em: “comandar mudanças, controlar agendas e estabelecer preferências” (NYE JR., 2011, p. 6, tradução nossa). Para o autor, estes aspectos podem ser concebidos como as três faces do poder. A primeira face foca na capacidade de fazer com que os outros ajam de maneiras contrárias as suas preferências e estratégias iniciais, uma vez que ambos os lados percebem este poder. A segunda face leva em consideração o estabelecimento da agenda, o que faz com que o país interaja com outros e estabeleça uma colaboração, ou seja, utiliza de meios cooperativos para ajustar a agenda, persuadindo e alcançando uma atração positiva para conseguir um resultado almejado. Já a terceira face do poder trata da criação ou modelagem das preferências, ao conseguir que os outros queiram o mesmo resultado que você, não será necessário anular seus desejos iniciais (NYE JR., 2011).

Observa-se que a primeira face, no que diz respeito ao poder de comando, é elemento perceptível de *Hard Power*, já que utiliza a coerção para conseguir resultados desejados. Por outro lado, o poder descrito na segunda e terceira face é mais cooperativo e suave, corroborando com a ideia de *Soft Power*, fazendo o uso da atração, persuasão e meios colaborativos de estabelecimento de agenda para alcançar resultados almejados.

Através do ponto de vista contemporâneo e considerando as contribuições de Nye Jr. (2011), é possível entender que o *Soft Power* está associado à capacidade que um país tem de moldar as preferências dos demais através de estratégias de paz e cooperação, conquistando nações pela admiração de seus valores culturais e políticos.

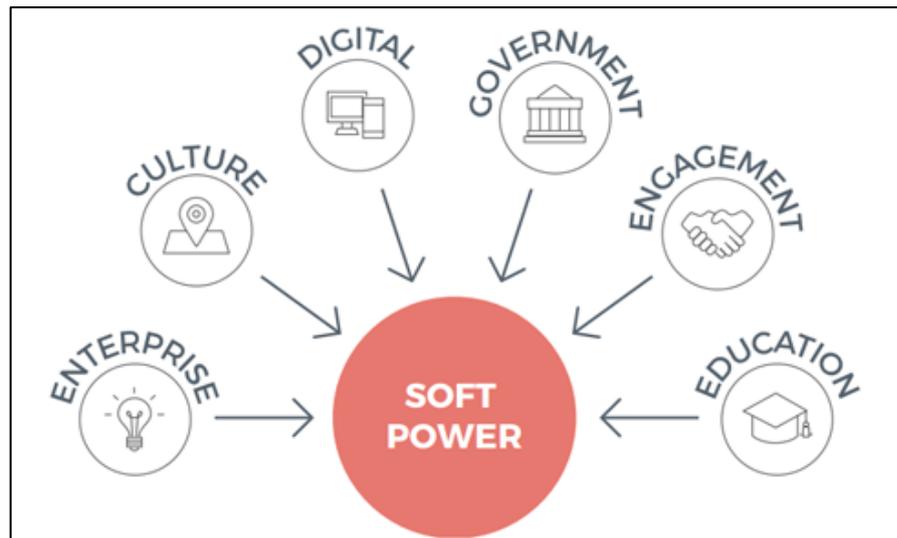
A partir disto, busca-se aprofundar na teoria os elementos que compõem o *Soft Power*.

Nye Jr. (2004) identifica as três principais fontes de *Soft Power*, que são: “cultura (em lugares onde ela é atraente para os outros), seus valores políticos (quando isto lhes dá vida no país e no exterior) e suas políticas externas (quando são vistas como legítimas e com autoridade moral)” (NYE JR., 2004, p. 11, tradução nossa). Nesse sentido, os meios de atração de um país podem ocorrer através da propagação de sua cultura, por meio da educação, cinema, artes e literatura; dos valores políticos, com a disseminação da ideia de valores universais, pautados na democracia, justiça e na liberdade de um país; e por intermédio da política externa, utilizando-se da cooperação e do apoio internacional. Ao incluir valores universais em sua cultura e promover políticas com ideias e interesses que outros compartilham, o autor afirma que a probabilidade de um país obter os resultados que deseja é muito maior, já que esta relação de atratividade cria uma espécie de dever e conexão com o outro (NYE JR., 2004).

Porém, a questão sobre o poder nas Relações Internacionais sempre trará consigo debates diferentes. Dubber e Donaldson (2015) concordam com o conjunto de ideias de Nye Jr. e afirmam que o conceito de *Soft Power* está ligado a coisas que fazem as pessoas amarem um país e que o aumento da difusão de informações e oportunidades se dá através da intensificação da globalização e do progresso tecnológico. Por isso, o contato cultural internacional em massa entre as pessoas está aumentando e conseqüentemente mudando a natureza das relações culturais. Assim o crescimento desta difusão de informações está levando a uma maior difusão de influência e, portanto, a um papel maior para o *Soft Power*.

Com base nas ideias de Nye Jr. a respeito do *Soft Power*, Jonathan McClory aprofunda-se deste conceito e apresenta uma interpretação mais recente. Com o objetivo de mensurá-lo, desenvolve um relatório anual onde são analisados vários elementos que fazem parte do *Soft Power*. Este índice aponta um ranking com os 30 países que possuem maior *Soft Power* no mundo e é chamado de *The Soft Power 30 report*. McClory (2019) compreende os três pilares de *Soft Power* que Nye Jr. classificou em: valores políticos, cultura e política externa, porém McClory (2019) utiliza uma metodologia diferente para classificar o *Soft Power*, considerando seis tópicos importantes, ao invés de somente três, que são: empreendimentos (*Enterprise*); cultura (*Culture*); digital (*Digital*); governo (*Government*); engajamento global (*Engagement*) e educação (*Education*). A figura abaixo ilustra os subíndices que constituem o *Soft Power*.

Figura 1 – Subíndices do *Soft Power* de acordo com McClory (2019)



Fonte: MCCLORY, 2019.

Considerando os seis subíndices acima, percebe-se a complexidade do termo abordado e por isso, busca-se entender a relevância de cada elemento ilustrado pelo autor na tentativa de medir o *Soft Power*. Acerca do subíndice empreendimento (*Enterprise*), McClory (2019) explica que este item considera a competitividade, o potencial para inovação e a habilidade de fomentar empresas e o comércio de um país visando capturar a atratividade relativa de seu modelo econômico. Ele ainda afirma que os atributos econômicos de um país podem ter grande impacto em seu *Soft Power*, através da sua facilidade em fazer negócios, seus níveis de corrupção e sua capacidade para inovação. E reitera que estas questões afetam diretamente como um país é visto de fora (MCCLORY, 2019).

Outro aspecto sugerido por McClory (2019) ao mensurar o *Soft Power* é o engajamento (*Engagement*). Nele, se leva em conta os recursos de política externa de um país, sua marca na diplomacia global e a contribuição geral para a comunidade internacional. Este subíndice captura, de acordo com o autor, a capacidade dos países de interagirem com públicos internacionais, impulsionar a colaboração para então moldar resultados globais. Ele é medido através de números de embaixadas, missões diplomáticas que um país tem no exterior, membros de organizações multilaterais e contribuições de ajuda ao desenvolvimento internacional (MCCLORY, 2019).

Um dos componentes que o autor identifica como de crescente importância para medir o *Soft Power* é o digital (*Digital*). Ele afirma que a tecnologia transformou o mundo: o governo (política externa, diplomacia pública e poder), o comércio, a política, a mídia, a vida cotidiana das pessoas e inclusive a interação social entre elas mudou totalmente com a chegada de

inovações e recursos tecnológicos. A finalidade deste subíndice, como menciona McClory (2019), é identificar até que nível os países adotaram a tecnologia e o quão conectados eles estão com o mundo digital, assim como o uso da diplomacia digital através das mídias sociais. Os termos de diplomacia pública e cultural serão abordados na próxima seção deste trabalho.

Dando continuidade aos elementos que constituem o *Soft Power*, McClory (2019) apresenta o governo (*Government*) como peça-chave para avaliar os valores políticos, instituições e resultados de políticas públicas de um país. Este índice considera os direitos humanos, liberdades individuais, desenvolvimento humano, violência na sociedade e eficácia do governo para mensurar o quão atrativo um modelo de governança se apresenta e com que eficácia consegue entregar resultados positivos aos seus cidadãos. Além disso, o autor afirma que “potenciais parceiros para colaboração internacional são mais propensos a serem atraídos por estados com sistemas de governo que funcionam bem” (MCCLORY, 2019, p. 28, tradução nossa). Isto significa que ao apresentar um bom sistema de governo, as chances de conquistar outros países aumenta, contribuindo para a cooperação internacional.

Por fim, duas características que McClory (2019) aponta como fundamentais ao explicar o *Soft Power* são a cultura (*Culture*) e a educação (*Education*). Ele compactua com a ideia de Nye Jr. (2004) ao afirmar que um país se torna naturalmente mais atrativo para outros quando sua cultura promove valores universais que outras nações consigam se identificar facilmente. Além disso, McClory (2019) argumenta que o alcance e entendimento internacional da produção cultural de um país são importantes na construção de *Soft Power*. Ele analisa as artes visuais, cultura “pop”, como filmes e músicas para medir os resultados da cultura. Também observa o número anual de chegadas de turistas internacionais, exportações da indústria musical e até mesmo o sucesso esportivo internacional. Ademais, o autor afirma que uma ferramenta poderosa e eficiente da diplomacia pública é a capacidade de um país de atrair estudantes internacionais ou facilitar intercâmbios, pois quando as pessoas estudam no exterior se tem um efeito positivo nas percepções e nos laços que elas criaram. McClory (2019) cita que pesquisas realizadas anteriormente sobre intercâmbios educacionais comprovam o impacto positivo nas percepções dos estudantes sobre o país em que estudaram, e que estes estudantes se tornam propagadores da cultura daquele país quando retornam para suas casas. Assim, o subíndice educação (*Education*), tem como objetivo capturar as contribuições dos países para o conhecimento global e o avanço do conhecimento humano. Este tópico leva em conta o número de estudantes internacionais em um país, a qualidade relativa de suas universidades e a produção acadêmica de suas instituições de ensino superior (MCCLORY, 2019).

Para que seja possível entender os métodos de análise citados acima, principalmente no

que diz respeito aos subíndices cultura e educação (foco deste trabalho), McClory (2019) utiliza-se de dados e fontes relevantes a serem demonstrados a seguir:

Figura 2 – Dados e fontes utilizados para elaboração do relatório de McClory (2019), destacando o subíndice cultura

Sub-Index	Metric	Data Source
Culture		
	Total number of tourist arrivals	UN World Tourism Organization / World Bank
	Average spend per tourist (total tourism receipts divided by number of tourists)	UN World Tourism Organization / World Bank
	Number of films appearing in major film festivals	Various
	Number of foreign correspondents in the country	Gorkana Media Database / Foreign Correspondent Associations / Various
	Number of UNESCO World Heritage sites	UNESCO Statistics
	Annual museum attendance of global top 100	The Art Newspaper, March 2019
	Size of music market	IFPI Global Music Report 2019
	Number of top 10 albums in foreign countries	IFPI Global Music Report 2019
	Olympic medals (Summer 2016 / Winter 2018)	International Olympic Committee
	FIFA Ranking (Men's)	FIFA/Coca Cola World Rankings
	Quality of national air carrier	Skytrax Airline Equality Review
	Michelin-starred restaurants	Michelin Guide 2019
	Power Language Index (PLI)	Chan, K., Power Language Index, 2016

Fonte: MCCLORY, 2019.

Figura 3 – Dados e fontes utilizados para elaboração do relatório de McClory (2019), destacando o subíndice educação

Education		
	Average of OECD PISA science, maths and reading scores	OECD
	Number of top global universities	Times Higher Education (top 200)
	Number of academic science journal articles published	World Bank
	Number of international students in the country	UNESCO Institute for Statistics
	Spending on education as percentage of GDP	World Bank

Fonte: MCCLORY, 2019.

Em seu relatório, McClory (2019) ao mensurar a cultura (*Culture*), considera: número total de chegadas de turistas (fonte: Organização Mundial de Turismo/*World Bank*); gasto médio por turista, ou seja, receita total do turismo dividido pelo número de turistas (fonte: Organização Mundial de Turismo/*World Bank*); número de filmes exibidos nos principais festivais de cinema (fonte: diversos); quantidade de estrangeiros correspondentes no país (fonte: *Gorkana Media Database*/Associações de correspondentes estrangeiros/diversos); número de patrimônios mundiais da UNESCO (fonte: estatísticas da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura); frequência anual nos 100 melhores museus

globais (fonte: *The Art Newspaper*); tamanho do mercado musical (fonte: *IFPI Global Music Report 2019*); número dos 10 melhores álbuns em países estrangeiros (fonte: *IFPI Global Music Report 2019*); medalhas olímpicas - verão de 2016/ inverno de 2018 (fonte: Comitê Olímpico Internacional); Ranking da FIFA – masculino (fonte: Ranking mundiais da FIFA/Coca-Cola); qualidade da transportadora aérea nacional (fonte: *Skytrax Airline Equality Review*); restaurantes com estrelas Michelin (Guia Michelin 2019) e índice de poder da língua (CHAN, 2016).

Com relação ao tópico educação (*Education*), McClory (2019) leva em consideração os seguintes dados: média das pontuações de ciências, matemática e leitura (fonte: OECD – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico); número de principais universidades globais (fonte: *The Higher Education – top 200 – ranking dos EUA*); número de artigos de periódicos científicos acadêmicos publicados (fonte: *World Bank*); número de estudantes estrangeiros em um país (fonte: *UNESCO Institute for Statistics*) e gastos em educação como porcentagem do PIB (fonte: *World Bank*).

Através da observação dos dados apresentados, entende-se que McClory (2019) captura uma ampla gama de fatores que afetam as percepções de um país e seus recursos de *Soft Power*. Além disso, considerando os elementos articulados nos trabalhos de Nye Jr. (2004, 2011) e de McClory (2019), entende-se que a principal percepção do *Soft Power* se encontra na atração, pois por meio dela, um país pode ganhar influência e conquistar os demais. Nessa perspectiva, considera-se que a cultura e a educação são fatores fundamentais para o fortalecimento e a propagação do *Soft Power* de um país. Estes termos serão explorados nos próximos segmentos deste trabalho.

2.2 Cultura

Como já fora visto anteriormente, um dos recursos primordiais do *Soft Power* de um país é a sua cultura, ela simboliza os valores de liberdade de expressão, originalidade e inovação de uma sociedade. É essencial, portanto, compreender como ela atua quando atravessa fronteiras. Ainda que a cultura seja fundamental para aumentar a atração e influência de um país, as relações culturais têm seus próprios valores, práticas, questões e públicos, que não são somente dos governos, mas sim das sociedades que eles representam (SINGH; MACDONALD, 2017). São essas liberdades que tornam a cultura tão importante e poderosa como transmissora de ideias. É importante ressaltar que ao se tratar do termo cultura, existem diferentes perspectivas para explicá-la, como a sociológica e a antropológica etc., porém este estudo se

concentra na concepção de cultura política para entender a sua importância dentro das relações internacionais. Além disso, os termos de diplomacia pública e diplomacia cultural serão elucidados ao decorrer do texto para melhor entender como a disseminação da cultura política ocorre na esfera global.

No campo das Relações Internacionais, pode-se entender cultura como “o conjunto de práticas que criam sentido para uma sociedade, e pode se dar através de várias manifestações” (NYE JR., 2008, p. 96, tradução nossa). Sabe-se que a cultura é um dos alicerces do *Soft Power* de um país e que ela pode se dar de muitas maneiras: por meio da literatura, da língua, das artes, da educação, do cinema, filmes, músicas, esportes etc. Para Nye Jr. (2004), ao compartilhar os traços culturais com outras nações e apresentá-los como universais é que um país avança seu poder, de maneira branda (*Soft Power*), no sistema internacional. Embora a cultura possa acontecer no indivíduo, este trabalho irá destacar a cultura com uma perspectiva coletiva, indo ao encontro das percepções de Joseph Nye (2004).

O conceito de cultura corresponde a um tema amplo, complexo e abrangente. A partir de uma visão antropológica, a cultura pode ser definida como característica da propriedade humana, cujo fundamento é a comunicação simbólica, relacionada ao tempo, a vida social e a qualidade cumulativa da interação humana, de modo que as ideias, a tecnologia e a cultura material possam ser acumuladas (MINTZ, 2010). Segundo Crespi (1997), citado por Porto (2011), na opinião de Durkheim, pensador francês clássico da sociologia, a cultura é uma dimensão da personalidade social individual, que é construída por meio da internalização de modelos e valores que mantêm a ordem social. Desta forma, o autor acredita que o indivíduo é um produto da vida cotidiana, ou seja, tudo acontece primeiramente através das ações da sociedade.

A partir destas concepções, considera-se cultura como o modo de vida de determinado grupo social. Portanto, ela acontece através de ideias, costumes e valores, o que permite o indivíduo se relacionar e interagir em seu grupo social, adquirindo conhecimento e criando novas experiências. Segundo Bento (2017, p. 41), “se a cultura define os traços de uma sociedade ela inevitavelmente define como esta sociedade se posiciona na arena global”.

Desta maneira, pode se entender a cultura como coletiva, pois proporciona a produção de conhecimento, aprendizagem e cooperação. Por este motivo a cultura está sempre em desenvolvimento, sendo modificada em um processo coletivo onde possibilita as pessoas a interagirem no meio social, adotando padrões de comportamento aceitos por seu grupo social (COELHO; MESQUITA, 2013).

A partir desta visão, é importante ressaltar a maneira como um grupo social é formado.

O processo cultural na constituição de indivíduos ou grupos da sociedade acontece através das ideias. Segundo Martins (2002, p. 23), ideias são “o conjunto de convicções, crenças, opiniões, interesses, motivos, que, adotado pelo agente racional humano, individual ou coletivamente, determina seu agir”. Isto significa que as sociedades tomam decisões a partir de ideias, e estas desempenham importante papel na vida pessoal e na coletividade de um grupo. Assim, de modo geral, as ideias referem-se as possibilidades de agir.

A dinâmica dos processos sociais acontece por meio das ideias que funcionam como um roteiro de decisões, que reúne indivíduos e comunidades que possuem princípios semelhantes e constituem o campo cultural. Sendo assim, elas podem ser concebidas como um fator cultural de poder, pois provocam impacto sobre a ação de indivíduos e grupos sociais, utilizando da influência para modificar políticas e comportamentos (MARTINS, 2002).

Nesta perspectiva, conforme Mathews (2000), citado por Martins (2002, p. 23), na sociedade moderna da informação existem inúmeras formas de cultura, onde as diferentes identidades dos indivíduos se encontram, algumas se conectam e outras se opõem. O autor menciona que na esfera nacional e internacional a cultura segue três vertentes: “a individual, a coletiva e a pública/estatal” (MATHEWS, 2000 apud MARTINS, 2002, p. 43). Além disso, a cultura engloba aspectos peculiares, como língua, espaço, época, religião, etc. onde os indivíduos encontram sua identidade pessoal ligada ao conjunto de princípios que os definem (MARTINS, 2002). É importante ressaltar que este processo acontece de maneira subjetiva pelo indivíduo, ou seja, considera os sentidos e a forma de como o indivíduo constrói crenças e valores ao se relacionar dentro do mundo social. E como as relações sociais e os processos culturais acontecem na esfera coletiva, os indivíduos compartilham suas ideias e princípios com os demais através da sua identidade social.

A construção da identidade social é caracterizada pela organização das sociedades, e o fator principal deste processo é através do ensino (educação). A identidade social constitui a personalidade do indivíduo e molda as suas preferências. Deste modo, entende-se que a identidade coletiva compreende diferentes segmentações que vão do singular ao coletivo, considerando suas articulações no campo das relações internas e externas da sociedade (MARTINS, 2002).

Cabe acrescentar que conforme Silva (2000), citado por Coelho e Mesquita (2013, p. 29), a identidade “é um significado – cultural e socialmente atribuído”. O autor ainda ressalta que ela não é estática, pelo contrário, a identidade está sempre em movimento. Ele reconhece que a identidade social é uma construção e por isso sofre alterações, mudanças e transformações. Assim, entende-se que a identidade social forma a visão de mundo de um indivíduo que faz

parte de uma comunidade ou grupo social. Esta visão de mundo também pode sofrer alterações de acordo com as vivências, experiências e contexto do qual este indivíduo faz parte. Através das relações sociais, utilizando diferentes formas de comunicação, como a língua, por exemplo, um ser humano pode mudar suas ideias e opiniões etc. e este processo acontece ao longo da vida do indivíduo.

À vista disso, o processo de identificação acontece a partir de uma ideia que os indivíduos ou grupos sociais possuem em comum, ou até mesmo de características que são similares a de outras pessoas ou grupos que compartilham dos mesmos princípios (COELHO; MESQUITA, 2013). Assim, o indivíduo pode se identificar com várias identidades presentes na esfera social, porque elas não são fixas, mas sim se modificam e se reconstróem. Por isso, o ser humano está em constante evolução e renovação, se conecta com diferentes conjuntos de ideias e princípios que dão sentido ao pertencimento do indivíduo em um determinado grupo, posto que vive em uma sociedade plural e coletiva.

Pensando em uma sociedade coletiva, e considerando a cultura como o modo de vida de uma comunidade que possui diferentes identidades dentro dela, é que se apresenta o conceito de diversidade cultural. Esta, nos permite perceber que as culturas de um país não são um conjunto monolítico e único, mas sim são caracterizadas pela multiplicidade e complexidade que as define.

Assim, é relevante apresentar o artigo primeiro da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, que foi criada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2002). O documento afirma que a cultura tem diversas formas e se manifesta na originalidade e pluralidade que cada grupo e sociedade tem. Além disso, declara que a cultura é fonte de intercâmbios, de criatividade e de inovação, e faz uma comparação entre diversidade cultural e diversidade biológica, onde diz que a primeira é tão necessária para a humanidade quanto a segunda é para a natureza. Assim, entende-se a importância deste patrimônio cultural para a sociedade e para as relações entre os atores do sistema internacional.

Diante disso, percebe-se que a cultura está inserida em um contexto de diplomacia cultural, que pode ser entendida como:

[...] meio pelo qual os países promovem seus valores culturais e políticos para o resto do mundo. A ideia essencial é permitir que as pessoas tenham acesso a diferentes culturas e perspectivas e, dessa forma, promover a compreensão e o diálogo mútuos. A diplomacia cultural é praticada por uma variedade de atores, incluindo governos nacionais, instituições dos setores público e privado, e a sociedade civil (CHAKRABORTY, 2013, p. 30, tradução nossa).

Além das considerações acima, Chakranorty (2013) ainda ressalta a contribuição de Dr.

Emil Constantinescu do Instituto de Diplomacia Cultural, presidente da Academia para Diplomacia Cultural e ex-presidente da Romênia, a respeito da definição de diplomacia cultural:

Diplomacia Cultural pode ser melhor descrita como um curso de ações, que se baseia e utiliza a troca de ideias, valores, tradições e outros aspectos da cultura ou identidade, seja para estreitar relacionamentos, aumentar a cooperação sociocultural ou promover interesses nacionais; [...] (CHAKRABORTY, 2013, p. 30, tradução nossa).

Assim, é importante relacionar a diplomacia cultural com a diplomacia pública, esta última pode ser concebida como a relação que um Estado tem com outros Estados, estabelecendo uma comunicação com intuito de informar e influenciar estes públicos (RIBEIRO, 2017). Ademais, de acordo com o Centro de Diplomacia Pública da USC (USC CENTER ON PUBLIC DIPLOMACY, 2003), a diplomacia pública pode ser definida como a dimensão pública e interativa da diplomacia que envolve uma imensidade de atores e redes. Além disso, é o meio principal pelo qual as nações fomentam a confiança mútua e relações produtivas, sendo fundamental na construção de um ambiente global seguro.

Percebe-se, portanto, a relevância da diplomacia pública e cultural para o *Soft Power* de um país. Sobre esta temática, Nye Jr. (2008) considera os valores culturais de um país, suas práticas e políticas internas e relações com outros países recursos importantes para a política internacional. Por isso, governos utilizam a diplomacia pública para impulsionar seus valores culturais para se comunicar e atrair os públicos de outros países, e não apenas seus governos. Para o autor, a diplomacia pública é instrumento de atração que incentiva as exportações culturais por meio de organizações de intercâmbios culturais por exemplo, além de utilizar outros fatores como transmissão de cultura em outros países.

Além disso, em sua mesma obra, Nye Jr. (2008) discorre sobre a importância dos valores culturais de um país, bem como suas práticas e políticas, serem atraentes aos olhos de outros países, pois se eles não forem atrativos, sua diplomacia pública não será capaz de produzir *Soft Power*. Por isso que, por vezes, governos encontram-se com dificuldade de empregar e controlar o *Soft Power*, porém este não deixa de ser ferramenta muito importante para um país, como visto previamente. Então, através das ideias e concepções de Nye Jr. (2008), pode-se compreender que a diplomacia pública representa como o *Soft Power* é praticado, levando em consideração a reputação e a credibilidade de um país.

Tendo em vista que a influência e a atração fazem parte da diplomacia cultural, e que esta está cada vez mais alinhada com a política externa de um país, Singh e Macdonald (2017) mencionam a declaração da então vice-presidente da União Europeia, Federica Mogherini, em

junho de 2016, sobre a estratégia do bloco econômico para a diplomacia cultural. Em sua declaração, Federica cita a cultura como poderosa ferramenta para construir pontes entre as pessoas e fortalecer o entendimento mútuo. Para ela, a cultura pode ser considerada como motor de desenvolvimento econômico e social. Como exemplo ela cita os desafios comuns enfrentados na Europa, África, Oriente Médio e Ásia, onde a cultura pode ajudar os países a se unirem e para combater a radicalização e construir uma aliança de civilizações contra aqueles que tentam dividi-los. A vice-presidente finaliza sua declaração ressaltando a importância da diplomacia cultural e afirma que esta deve estar no centro das relações (da União Europeia) com o mundo de hoje.

Assim, a nova política da união levaria todos estes aspectos em consideração, portanto seu foco estaria em “incentivar a cooperação entre a União Europeia e países parceiros, promovendo uma ordem global baseada na paz, no Estado de Direito, na liberdade de expressão, na compreensão mútua e no respeito pelos valores fundamentais” (SINGH; MACDONALD, 2017, p. 13, tradução nossa).

Este alinhamento da cultura com a política externa é uma característica evidente da diplomacia cultural dos maiores Estados do mundo. Consoante Singh e Macdonald (2017), as expectativas da União Europeia sobre a cultura e o que ela pode proporcionar ao país são altas e vão muito além de uma visão de que as nações competem basicamente por influência e atração, conforme previsto por Nye Jr. Porém, permanece o questionamento no que diz respeito à cultura entregar realmente o que se espera dela, considerando sua complexidade (SINGH; MACDONALD, 2017).

Um dos países que fazem parte da União Europeia e que vem se destacando pela sua diplomacia pública e cultural é a França. De acordo com o relatório de McClory (2019) acerca do *Soft Power*, a França é o primeiro país com maior *Soft Power* em 2019, considerando seus ativos de engajamentos globais, possui uma grande rede diplomática e participa vigorosamente de organizações multilaterais e internacionais. O país também possui o maior número de missões diplomáticas e seu presidente, Emmanuel Macron, sempre demonstrou comprometimento com o multilateralismo, e seu sucesso entre as economias mundiais do G7 ajudou a restabelecer sua posição como forte líder global.

A França tem uma grande oferta cultural disposta em sua arte, cinema, alimentação, esporte e turismo. De acordo com métricas pesquisadas por McClory (2019), a França tem o maior número de restaurantes premiados com estrelas Michelin (método que avalia os melhores restaurantes) do mundo. Além disso, a culinária francesa é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial e o país também abriga ícones culturais, incluindo a Torre Eiffel e o museu

do Louvre, este último continua sendo o museu mais visitado do mundo. Isto faz com que a França tenha um dos maiores números de chegada de turistas no mundo, além de possuir uma infinidade de outros museus, galerias e patrimônios mundiais da UNESCO. A cultura francesa também é evidenciada em eventos como o Festival de Cinema de Cannes, o Tour de France e o Dia da Bastilha, que são admirados e celebrados por públicos de toda parte do mundo (MCCLORY, 2019).

Por outro lado, McClory (2019) expõe os Estados Unidos em quinto lugar no Ranking Mundial de *Soft Power* de 2019, o qual uma grande parcela deste cenário é resultado de políticas de governo e engajamento global. Porém, o país norte-americano é o primeiro colocado no que diz respeito à cultura, digital e a educação, subíndices importantes que constituem o *Soft Power* na era contemporânea. A cultura norte-americana continua sendo a mais difundida mundialmente, à exemplo da popularidade de seus filmes de Hollywood, de suas músicas e séries de TV conhecidos universalmente. Os Estados Unidos também são os mais bem-sucedidos em competições olímpicas combinadas. Além disso, os norte-americanos atraem a maioria dos estudantes globais de todo o mundo, uma vez que possuem o maior número de universidades mais importantes no âmbito global de acordo com a pesquisa da *TIMES Higher Education* (MCCLORY, 2019).

Além dos elementos citados acima que fazem parte e impulsionam o *Soft Power* norte-americano, existem também muitas empresas de tecnologia que foram criadas nos Estados Unidos e estão entre as mais reconhecidas e admiradas do mundo, incluindo *Amazon, Apple, Facebook, Coke, Google* e *Microsoft* entre outras mais recentes como *Uber, Netflix* e *Airbnb* que têm transformado a maneira de como vivemos, trabalhamos e interagimos com o mundo (MCCLORY, 2019).

Diante disso, entende-se que a cultura é cada vez mais vista como elemento central do *Soft Power*. Os indicativos apresentados acima mostram que a cultura tem mais probabilidade de aumentar a influência e atratividade de um país quando é recíproca, baseada no progresso, criando oportunidades para o desenvolvimento de intercâmbios culturais e colaborações que promovam objetivos culturais (SINGH; MACDONALD, 2017).

O mundo está cada vez mais multipolar e conectado, tendo poder e informação progressivamente mais interligados. Fica evidenciado, a partir das contribuições dos autores citados acima, que a cultura e a educação são elementos cruciais para a promoção do *Soft Power* de um país. Assim, a concepção de *Soft Power* através de intercâmbios culturais oferecidos pelos Estados Unidos pode ser caracterizada como estratégia de diplomacia pública e cultural norte-americana. Com o intuito de construir confiança, interesse, admiração e conquistar

nações, os Estados Unidos utilizam o caminho da cultura e da educação para promover a sua nação.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho consiste na aplicação do método hipotético-dedutivo, a partir da hipótese de que a cultura pode ser entendida como recurso de *Soft Power* importante para as Relações Internacionais. A cultura conecta nações através de valores, língua, identidades, costumes, conhecimento etc. E em virtude do aumento da globalização e suas transformações no cenário global, pode ser concebida como recurso de poder através de programas de intercâmbios acadêmico-culturais, por exemplo.

Compreende-se a relevância do método referido, pois segundo Gil (2008), ele proporciona a base lógica de dedução de hipóteses, corroborando com o propósito do estudo, já que este trabalho consiste na construção de conjecturas e sua verificação factual. À vista disso, o objeto de análise é o intercâmbio cultural como ferramenta de *Soft Power* nos Estados Unidos. A análise é elaborada através de uma abordagem qualitativa, método de pesquisa bastante utilizado dentro da área das ciências sociais. Sob esta perspectiva, é possível assimilar como o país utiliza o intercâmbio como ferramenta de poder e verificar suas vantagens no sistema internacional, destacando o quanto a cultura norte-americana é promovida na esfera internacional.

Desta forma, o método aplicado neste trabalho é o estudo de caso, trazendo o exemplo norte-americano a ser explorado. O estudo de caso possibilita o amplo conhecimento e detalhamento sobre um objeto de estudo, o que permite ao pesquisador investigar um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade (GIL, 2008). Ainda, conforme a perspectiva metodológica de Robert Yin (2001), o estudo de caso proporciona uma investigação a qual as características predominantes e importantes dos fenômenos da vida real permanecem conservados, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são nitidamente percebidos.

A escolha do caso norte-americano para a realização deste trabalho se dá pelo fato de que o conceito de *Soft Power* se originou nos Estados Unidos, o qual exerce há muitos anos a prática dos pilares do conceito abordado neste trabalho: cultura, valores políticos e política externa (NYE JR., 2004). Dessa forma, o trabalho aborda o caso dos Estados Unidos, trazendo elementos históricos que evidenciam a importância da cultura e da educação para o avanço do *Soft Power* norte-americano.

Assim, a partir deste estudo descritivo busca-se identificar a importância do intercâmbio cultural como ferramenta de *Soft Power* norte-americano. Desse modo, além das evidências históricas que mostram o poder cultural dos Estados Unidos, apresenta-se como exemplo o programa de intercâmbios *Fulbright*, promovido pelo governo norte-americano.

Estabelecido em 1946, o Programa *Fulbright* exerce um papel importante na disseminação da cultura e valores norte-americanos, propagando simultaneamente os valores de democracia, liberdade e igualdade no exterior. O Programa *Fulbright* é o mais famoso e antigo programa de intercâmbios promovido pelos Estados Unidos, foi o marco que consolidou a política de intercâmbios educacionais como uma ferramenta da diplomacia pública dos Estados Unidos, corroborando com o período de transformações do século XX. A escolha deste programa para a pesquisa se deu pelo fato de que a *Fulbright* é, efetivamente, o programa mais importante dos Estados Unidos. Por isso, acredita-se que é um exemplo que retrata bem o *Soft Power* norte-americano através de intercâmbios acadêmico-culturais. Os programas oferecem inúmeras oportunidades de bolsas de estudos para estudantes estrangeiros, estimulando o conhecimento da cultura norte-americana em outros países e promovendo a cooperação internacional. Cabe acrescentar que há uma expectativa quanto a utilização do intercâmbio cultural como estratégia de *Soft Power*, isto não significa que a estratégia é de um todo eficaz, considerando os conceitos amplos e complexos tratados neste trabalho.

Ademais, para proporcionar o desenvolvimento à pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas estudantes de países emergentes que participaram do programa de intercâmbio *Fulbright* com intuito de entender suas percepções acerca do país norte-americano. As entrevistas constam no Apêndice A. A razão pela escolha de estudantes de países emergentes se dá pelo cenário de expansão destas economias no mundo, que almejam possuir um nível de desenvolvimento econômico elevado tal qual os países desenvolvidos. Os países de economia emergentes buscam, através de estudantes, qualificação e inovação para seus países a fim de expandir suas economias e obter maior influência e participação internacional. Além disso, para um país desenvolvido, como é o caso dos Estados Unidos, é de grande interesse promover intercâmbios culturais especialmente para economias emergentes, pois estes países podem se tornar grandes parceiros comerciais a serem desenvolvidos.

As entrevistas foram realizadas de maneira virtual, tendo em vista que uma das entrevistadas é de outro país e também em função da pandemia mundial de Covid-19 que se vive atualmente. Através das entrevistas, é possível avaliar a hipótese de que os participantes levam consigo uma boa imagem dos Estados Unidos, disseminando esta cultura em seus países e fortalecendo o *Soft Power* norte-americano. Conforme Gil (2002), a entrevista é a técnica que possui maior flexibilidade, e por meio de entrevistas semiestruturadas é possível alcançar pontos de interesse que o entrevistador vai explorando a medida de seu curso. Por este motivo, a escolha de entrevistas semiestruturadas é realizada de modo a complementar a análise do trabalho, para melhor compreender como o *Soft Power* norte-americano produz efeito em

estudantes que participaram de algum programa de intercâmbio promovido pela *Fulbright*.

4 A INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS NO MUNDO: INTERCÂMBIO CULTURAL E O PROGRAMA FULBRIGHT

O presente capítulo está dividido em três partes. Inicialmente, busca-se contextualizar o intercâmbio através de fontes bibliográficas para elucidar de que maneira ele pode disseminar a educação e a cultura de um país, fortalecendo a sua diplomacia pública. Em seguida, o caso norte-americano é apresentado, destacando os principais fatos que marcaram o século XX e que contribuem para a promoção do *Soft Power* norte-americano através da cultura e educação. Posteriormente, o programa de intercâmbios *Fulbright* é apresentado, com o objetivo de compreender de que forma os intercâmbios contribuem para a promoção da cultura norte-americana ao redor do mundo. Por fim, de modo a complementar a pesquisa, apresenta-se as entrevistas com duas estudantes que realizaram um intercâmbio através do programa de bolsas *Fulbright*, com o intuito de relacionar os resultados obtidos com os conceitos de cultura e *Soft Power* para demonstrar a importância de intercâmbios culturais para a promoção da cultura norte-americana no mundo.

4.1 O intercâmbio cultural

De modo geral e como a própria palavra se apresenta, intercâmbio significa o ato de cambiar, de permutar, ou seja, pode ser entendido como a troca das relações entre indivíduos, organizações, etc. Como visto anteriormente neste trabalho, e tendo como base as interpretações de diferentes autores citados como Nye Jr. (2008), Martins (2002) e Mintz (2010), pode-se compreender que a cultura é um conjunto de valores, crenças e costumes que determinado grupo social tem. Portanto, é possível entender por intercâmbio cultural as relações de costumes e tradições que acontecem entre indivíduos ou organizações de diferentes nacionalidades, que fazem parte do sistema internacional.

Segundo Santos *et al.* (2014, p. 68), “o intercâmbio pode ser analisado como um modelo de ação em que o homem promove a interação entre pessoas e culturas, trocando experiências [...]”, os autores ainda afirmam que a troca destas experiências são concebidas pelos participantes, que vivenciam uma nova cultura. Nesta perspectiva, Scott-Smith (2008) reconhece que os intercâmbios têm natureza interpessoal e estão diretamente ligados com o fator humano, onde existe um grande envolvimento com a personalidade e a psicologia dos participantes. Para o autor, os intercâmbios configuram relações internacionais privadas, onde existe a troca de pessoas, ideias e opiniões no país hospedeiro, configurando uma infinidade de

contato social global. É importante mencionar que existem diferentes tipos de intercâmbios culturais, porém o recorte deste trabalho se voltará para o intercâmbio no âmbito acadêmico, o qual será explanado ao longo do texto.

No mundo interconectado e ao mesmo tempo interdependente que se apresenta nos dias de hoje, o ensino superior é um canal de fluxo que ultrapassa barreiras. De modo histórico, a internacionalização do ensino e os movimentos migratórios foram primordiais para o surgimento do intercâmbio, que se originou no início da Idade Média, com a criação das universidades europeias (KAFLER, 2007 apud SANTOS *et al.*, 2014). No intercâmbio acadêmico, além do intercâmbio de pessoas, há também uma troca de conhecimentos, competências, valores, inovação, economia, tecnologia e cultura (KNIGHT, 2014). Assim, compreende-se que o intercâmbio acadêmico possibilita a diversidade cultural entre as sociedades, através da troca de conhecimento, experiência e a própria cultura por meio de interação social. A cultura, por meio de intercâmbio, pode ser tida como recurso de influência a ser utilizada pelos Estados, com a intenção de ganhar espaço no cenário global e promover um ambiente de cooperação entre as nações, como afirma Ribeiro (2017). Sobre esta temática, Toscano (2018) compreende que o intercâmbio cultural desempenha um papel importante no avanço da influência nacional de um país, como instrumento poderoso dentro da diplomacia pública e cultural. Além disso, Bento (2017) também percebe o papel do intercâmbio educacional como uma ferramenta de diplomacia cultural, a qual possibilita um vínculo mais duradouro entre as populações em função da natureza da interação social e cultural que propõe entre elas.

Acerca deste tema, Nye Jr. (2008) aponta que uma das dimensões da diplomacia pública está ligada com o desenvolvimento de relações duradouras entre pessoas, através de “bolsas de estudo, intercâmbios, treinamentos, seminários, conferências e acesso aos canais de mídia” (NYE JR., 2008, p. 102, tradução nossa). Para ele, as práticas culturais dos intercâmbios acadêmicos têm um papel importante na diplomacia pública de um país, ajudando a criar uma imagem positiva que pode melhorar sua prospecção de obter resultados almejados, aumentando seu *Soft Power* (NYE JR., 2008). Isto se torna possível, pois muitos estudantes internacionais são líderes em potencial que retornam a seus países de origem para ocupar cargos importantes nos setores público e privado, onde disseminam o que aprenderam durante sua formação acadêmica.

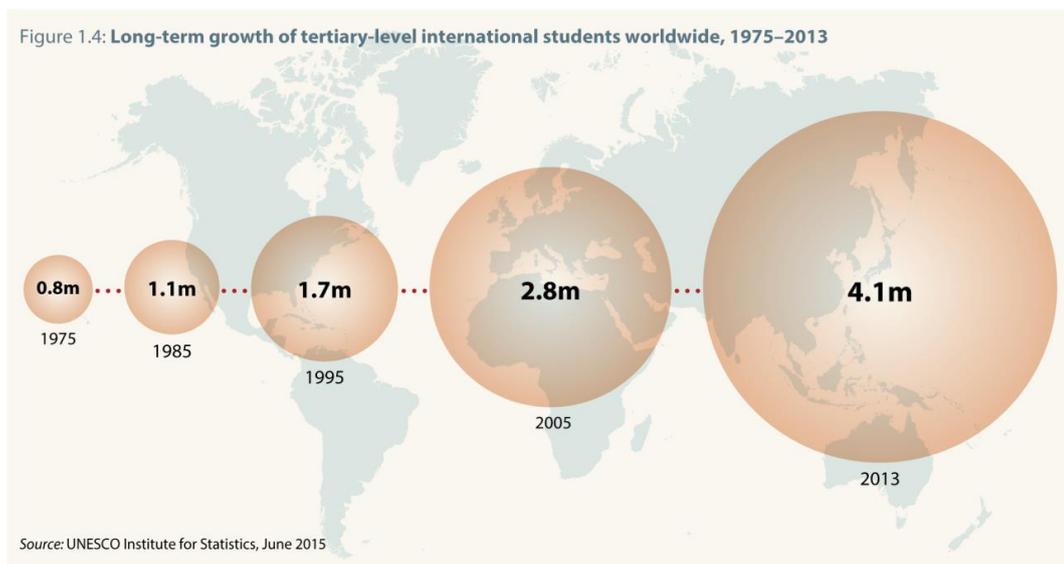
O intercâmbio cultural promove a troca de ideias, experiências e valores de uma nação para outra. Criando ou consolidando uma atmosfera propícia à compreensão e o entendimento mútuo. Além disso, as atividades culturais podem minimizar julgamentos com base em

estereótipos, fortalecendo a paz e aproximando povos e culturas. Por tudo isto, é possível perceber que os fatores culturais são muito importantes nas relações internacionais e têm despertado o interesse dos países em buscar sua participação global e influência. O campo da diplomacia cultural envolve ações nacionais diretamente relacionadas aos indivíduos, ideias e valores pessoais, como a comunicação interpessoal, a promoção da arte e dos artistas, o ensino da língua como portadora de valores, a distribuição abrangente de materiais promocionais e apoio para projetos de cooperação intelectual, etc. (RIBEIRO, 2011 apud GOMES, 2019).

Corroborando com Atkinson (2010), citado por Costa (2019), os programas de intercâmbio, de modo histórico, eram concebidos por governantes como forma de ganhar influência e moldar o comportamento político internacional. Em sua obra, Atkinson menciona uma pesquisa que mostra que estudantes que fizeram intercâmbios retornam a seus países com um olhar mais favorável sobre o país em que estudaram, pela vivência que tiveram com pessoas e a cultura de lá (ATKINSON, 2010, apud COSTA, 2019). Porém, nesta parte do trabalho se faz importante destacar que há uma expectativa de que o intercâmbio possa ser utilizado como estratégia de *Soft Power*, o que não quer dizer que a estratégia será efetiva, pois como visto no referencial teórico, cultura se trata de um conceito social, complexo e abrangente.

Nos últimos anos, é possível identificar uma maior tendência na internacionalização do ensino superior e a sua conexão com a competição pela influência global. Desde o período da Guerra Fria (1947-1991), observa-se uma crescente busca por influência mundial dos países que fazem parte do sistema internacional. Pode-se notar um aumento de número de alunos internacionais no mundo a partir do ano de 1975, período em que as duas potências mundiais, Estados Unidos e União Soviética estavam em conflito. Percebe-se os grandes esforços por parte dos países para se promoverem na esfera mundial, utilizando de diferentes políticas de diplomacia pública como a criação de programas de intercâmbio para conquistar outras nações (NYE JR., 2004; BENTO, 2017). Assim, junto com a globalização e os avanços tecnológicos, principalmente depois dos anos de 1990, surgiram mais oportunidades de intercâmbios e o número de estudantes internacionais aumentou, e vem crescendo ano após ano, conforme mostra o gráfico disponibilizado no relatório científico da UNESCO, em 2015:

Figura 4 – Crescimento ao longo prazo de estudantes internacionais de nível superior em todo o mundo, 1975-2013



Fonte: UNESCO, 2015.

Conforme o recorte trazido na Figura 4, nota-se que com o avanço das tecnologias e da informação, há uma elevação do número de estudantes internacionais em termos globais. Assim, em um mundo cada vez mais globalizado onde as economias estão estreitamente ligadas, o conhecimento e as habilidades fluem livremente além das fronteiras. Por isso, governos de diferentes economias, especialmente as emergentes, têm investido pesadamente na expansão de seus sistemas de ensino superior, criando bolsas para ajudar seus alunos a adquirir conhecimento no exterior para depois trazê-los de volta para casa. Além disso, participam de parcerias e intercâmbios de pesquisa transfronteiriços que elevem o status de seus países, o potencial de inovação e a influência no mundo (ICEF, 2015). Isto corrobora com o Ranking de McClory (2019) quando apresenta a cultura como um dos subíndices importantes para o *Soft Power*, que em sua obra menciona a importância dos países em atrair estudantes internacionais e facilitar intercâmbios para expandir sua diplomacia pública, e, ao mesmo tempo, fortalecer seu *Soft Power*.

Na prática da diplomacia cultural, países como os Estados Unidos têm aumentado a projeção de seus interesses nacionais através da educação. Como ressalta Knight (2015), o ensino superior internacional desempenha um papel como ator político e está diretamente ligado ao conceito de *Soft Power*, idealizado por Joseph Nye. De acordo com o Relatório *Open Doors* do Instituto de Educação Internacional (IIE, 2020) junto com o Departamento de Estado dos EUA e o governo norte-americano, o número total de alunos internacionais nos Estados Unidos no ano de 1975 era de 179.344, e no ano de 2013 este número subiu para 886.052. Observa-se

um grande crescimento no número de alunos internacionais no país, que em 2019 bateu o recorde de 1.095.299 (IIE, 2020). O Instituto destaca a competitividade contínua do setor de ensino superior dos EUA como destino preferido dos estudantes internacionais e o crescente interesse em intercâmbios educacionais internacionais entre estudantes norte-americanos (IIE, 2019).

4.2 O caso norte-americano

O século XX trouxe consigo inúmeras transformações sociais, tecnológicas, econômicas e políticas que modificaram a maneira de se pensar o conceito de poder na esfera global. Com base nos estudos de Joseph Nye, quanto maior o *Soft Power* de um país, maior é a sua influência mundial e conseqüentemente maior é seu poder no sistema internacional (NYE JR., 2004). Historicamente, pode-se considerar os Estados Unidos da América como país berço do *Soft Power*, já que foi o modelo norte-americano que deu origem a este conceito introduzido por Joseph Nye.

O *Soft Power* norte-americano pode acontecer através de inúmeros aspectos, porém, o enfoque deste trabalho se encontra no campo da cultura e da educação. Desta maneira, tendo como base teórica as contribuições de Nye Jr. (2004) e McClory (2019) acerca dos elementos importantes que constituem o *Soft Power*, apresenta-se alguns elementos marcantes para a promoção e propagação do *Soft Power* norte-americano a partir desta ordem cronológica (Figura 5).

Figura 5 – Evidências de *Soft Power* desenvolvidas nos Estados Unidos em ordem cronológica



Fonte: Elaborado pela autora com base em Nye Jr. (2004, 2005); Lopes; Baumgartner (2019); McClory (2019); Chan (2016); Zoysa; Newman (2002); Galdioli (2008); Ouriveis (2013); Gilboa (2008); Bento (2017); Ribeiro (2017); Nelson (2013); Scott-Smith (2008, 2012); THE (2020); AAU (2018); NAFSA (2016); BU (1999); UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE (2012a, 2012b).

4.2.1 Inglês como Língua Franca

A importância do inglês se faz presente desde a colonização do império britânico, seguido da grande influência do Reino Unido desde o século 17 a meados do século 20, o uso da língua no comércio moderno contribuiu para que o Reino Unido a espalhasse como língua franca ao redor do mundo e se tornasse oficial em mais de 60 países. Além disso, um dos fatores mais importantes que colaboraram para que o inglês se tornasse uma língua global foi o poder político, militar e econômico por trás do idioma e dos países a ele relacionados, principalmente os Estados Unidos (NYE JR., 2004; LOPES; BAUMGARTNER, 2019). A universalização do inglês como língua franca reforça o *Soft Power* norte-americano, uma vez que a língua é também um instrumento elementar para a disseminação de valores, facilitando a inserção global de um país, bem como a consolidação das relações internacionais no contexto mundial (RIBEIRO, 2017). Além disso, a Língua Franca é um indicador relevante considerado no Referencial Teórico deste trabalho: McClory (2019) destaca a Língua Franca como elemento de cultura para a propagação do *Soft Power*. Para mensurar isto, baseou-se no índice do poder de linguagem (*Power Language Index*), em que avalia a influência e o alcance das línguas utilizando vinte indicadores para medir cinco oportunidades básicas oferecidas pelo idioma: geografia (países que falam a língua, extensão territorial, turistas dentro do país); economia (Produto Interno Bruto, Produto Interno Bruto por pessoa, exportações, mercado de câmbio, direito especial de saque); comunicação (falantes nativos, idioma como segunda língua, tamanho da família, turistas fora do país); conhecimento e mídia (conteúdos na internet, filmes premiados, top 500 universidades, trabalhos acadêmicos); diplomacia (fundo monetário internacional, Nações Unidas, Banco Mundial e organização supranacional). Neste índice, o inglês é concebido como a língua mais poderosa, e a mais influente no âmbito global (CHAN, 2016).

4.2.2 Hollywood

Este fator importante para a promoção da cultura norte-americana foi construído em uma lógica de *Soft Power*. A “Era de Ouro” de Hollywood aconteceu a partir dos anos 1930 quando as produções norte-americanas se inseriram em um contexto de produção industrial, seguindo os processos de produção como automóveis, eletrodomésticos, etc. A produção de filmes promovia o “*The American Dream*”, o sonho e o modo de vida norte-americano, através de enredos que mostravam valores e ideias como ordem democrática, liberdade, heroísmo norte-americano, entre diversos outros ideais que os Estados Unidos acreditavam (ZOYSA;

NEWMAN, 2002; GALDIOLI, 2008). Assim, através de filmes, seriados e televisão, os Estados Unidos difundiam uma boa imagem de sua nação, trazendo personagens, lugares e discursos atrativos para conquistar espectadores de diversas nacionalidades e retratar sua reputação forte, de invencível e invulnerável nação (OURIVEIS, 2013). Uma das métricas utilizadas por McClory (2019) para medir a cultura dentro de uma perspectiva de *Soft Power* é o número de filmes exibidos nos principais festivais de cinema, concebendo a importância da produção de filmes de um país. Devido ao sucesso de Hollywood, os Estados Unidos são o maior exportador de filmes e propagandas de televisão do mundo, além disso os filmes de *Hollywood* ainda são os mais difundidos pelo globo (OURIVEIS, 2013).

4.2.3 Diplomacia Pública

A prática da diplomacia pública fica visível durante a Guerra Fria (1947-1991). Devido ao grande poder destrutivo das armas nucleares, as superpotências mundiais da época (Estados Unidos da América e União Soviética) utilizaram de estratégias de *Soft Power* para se promover, criando campanhas de informação e persuasão para obter resultados em sociedades estrangeiras (GILBOA, 2008). Tanto os Estados Unidos quanto a antiga União Soviética investiram em exposições artísticas, transmissões em rádio, revistas, televisão e programas de intercâmbio acadêmico-cultural para difundir seus ideais mundo afora (BENTO, 2017). A hegemonia dos Estados Unidos foi construída na superioridade militar, econômica e na influência cultural. Esta influência levou o modo de vida norte-americano para o mundo. Nota-se a importância da influência da cultura norte-americana sobre os países que formavam a antiga União Soviética para a vitória dos EUA na Guerra Fria. A propaganda do governo soviético e seus programas culturais não puderam impedir a atração da cultura norte-americana pelos jovens soviéticos (GALDIOLI, 2008). Após o fim da Guerra Fria em 1991, com a dissolução da União Soviética, os Estados Unidos conquistaram seu espaço nas relações internacionais e se destacaram no cenário mundial por possuírem boas condições econômicas, militares e políticas (OURIVEIS, 2013).

4.2.4 Difusão do Ensino Superior

O ensino superior pode ser utilizado para ajudar a desenvolver um melhor entendimento sobre o poder e como o mundo vem se transformando em importantes maneiras nos últimos 20 a 30 anos, elevando os níveis de discussão e avançando a política externa norte-americana

(NYE JR., 2005). Após a Segunda Guerra Mundial e no início da Guerra Fria, houve um grande aumento nas colaborações regionais no ensino superior norte-americano. O intuito destas colaborações era de facilitar as atividades internacionais de pesquisa, o que contribuiu para um aumento no número de alunos em universidades, uma rápida expansão da pesquisa científica e um forte impulso para internacionalizar a universidade. Assim, as universidades norte-americanas concentravam-se na influência global através da realização da grande universidade de pesquisa americana. Desta forma, a chamada era de ouro do ensino superior norte-americano nas décadas de 1950 e 1960 foi possível, em grande parte, por redes domésticas, que, por sua vez, colocaram as universidades norte-americanas em posição para se tornarem líderes internacionais nas décadas subsequentes (NELSON, 2013).

A promoção dos estudos norte-americanos tinha o intuito de fomentar os interesses do país no exterior, que já tinha grande visibilidade e simpatia dos estrangeiros, os quais já tinham um nível de conhecimento e apreço pelas “coisas americanas” (SCOTT-SMITH, 2008). Assim, a internacionalização das universidades norte-americanas só foi aumentando com o passar dos anos, além disso, o aumento de recursos tecnológicos e o acesso à informação possibilitou a ampliação de conexões internacionais, fazendo com que os Estados Unidos tivessem ainda mais oportunidades para expandir seu *Soft Power* (NYE JR., 2004; MCCLORY, 2019). Desta maneira, ao observarmos alguns dados quantitativos, é possível compreender que os Estados Unidos possuem o controle sobre o conhecimento, pois contam com os maiores números de universidades entre as melhores do mundo, possuem a habilidade de atrair alunos internacionais e são um dos principais contribuidores para publicações de pesquisa científica e acadêmica (MCCLORY, 2019). De acordo com o site *Times Higher Education* (TIMES HIGHER EDUCATION, 2020), os Estados Unidos têm 8 universidades entre as 10 melhores do mundo, são elas: Universidade de Stanford, Universidade de Harvard, Instituto de Tecnologia da Califórnia, Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Universidade da Califórnia, Universidade Yale, Universidade de Princeton e a Universidade de Chicago.

Além disso, um dos pontos principais para o progresso e potência acadêmica norte-americana é pelo fato de que os Estados Unidos possuem a sua própria associação de universidades, chamada de *Association of American Universities* (AAU), que foi criada em fevereiro de 1900, composta pelas principais universidades de pesquisa dos EUA. Seus objetivos englobam pesquisas a respeito da saúde pública, desafios nacionais que contribuem para a força econômica do país, a manutenção de um sistema de pesquisa acadêmica e educação. As universidades membros da AAU trabalham coletivamente para formular políticas para o ensino superior, ciência e inovação; promover práticas eficientes em educação de graduação e

pós-graduação e fortalecer as contribuições das principais universidades de pesquisa para a sociedade norte-americana (AAU, 2018).

Outro fator que contribui para que as universidades norte-americanas continuem sendo promovidas mundialmente é a organização *National Association of Foreign Student Advisors* (NAFSA), que é uma associação de educadores internacionais, fundada em 1948 para promover o desenvolvimento profissional de funcionários de universidades dos EUA responsáveis por auxiliar estudantes estrangeiros que foram estudar nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial (NAFSA, 2016). A NAFSA é uma das maiores associações mundiais dedicada à educação e intercâmbio internacional, que coordena o maior evento internacional de educação do mundo, o *NAFSA Annual Conference & Expo*, que reúne anualmente cerca de 10.000 educadores internacionais de mais de 100 países diferentes para debater sobre inovações, novas estratégias e práticas eficientes no cenário internacional, promovendo parcerias com universidades do mundo inteiro (NAFSA, 2016). Assim, se faz importante mencionar o discurso do ex-secretário de defesa norte-americano, Robert Gates para a NAFSA em 2012 que deixou clara a importância de programas de intercâmbio culturais para a formação de boas relações entre os Estados Unidos e outros países. O ex-secretário declarou que a política mais bem-sucedida dos Estados Unidos para fazer amigos foi a de encorajar estudantes estrangeiros a estudar nas universidades americanas. A influência e a credibilidade dos EUA - para não mencionar sua competitividade econômica - dependiam de continuar a “construir pontes com universidades que estão em culturas diferentes da nossa” (SCOTT-SMITH, 2012, p. 1, tradução nossa). Há mais de 70 anos a *NAFSA Annual Conference & Expo* é realizada nos Estados Unidos, é um evento que promove visibilidade internacional e conseqüentemente a influência norte-americana no mundo.

4.2.5 Intercâmbio

O período da Guerra Fria significou muito para o aumento de intercâmbios culturais e acadêmicos nos Estados Unidos. Os intercâmbios realizados entre os Estados Unidos e União Soviética, principalmente a partir dos anos de 1950, desempenharam um papel significativo no aumento do *Soft Power* norte-americano (NYE JR., 2005). O governo dos Estados Unidos implementou novas políticas culturais pensando nas preocupações políticas da Guerra Fria e apoiou-se consideravelmente em recursos privados para a implementação da diplomacia cultural através de intercâmbios acadêmico-culturais. Os programas de intercâmbio educacionais incluíam uma série de atividades educacionais abrangendo temas culturais,

econômicos e militares. Nesta época, os intercâmbios educacionais se tornaram um instrumento importante para projetar imagens favoráveis dos Estados Unidos retratadas pela sua riqueza material, cultura de consumo, conhecimento tecnológico, liberdade individual, e democracia política. Assim, o país utilizou-se de uma abordagem unilateral para disseminar a cultura norte-americana, bem como seus valores e sua tecnologia (BU, 1999).

Desta maneira, o uso de intercâmbios e educação internacional surge como uma forma de influência a longo prazo para os norte-americanos. Como afirma Scott-Smith (2008), a visão do governo dos Estados Unidos com relação aos intercâmbios sempre foi positiva e consistente. No que diz respeito aos objetivos dos intercâmbios culturais, o Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais (ECA), órgão do Departamento dos Estados Unidos responsável por gerenciar os programas de intercâmbio cultural e educacionais, publica, em 1973, um documento conceitual com os objetivos básicos dos intercâmbios culturais para os EUA:

Influenciar favoravelmente o ambiente no qual a política externa dos EUA é conduzida; Ampliar o círculo daqueles que possam servir como intérpretes influentes entre esta e outras nações; Ajudar os líderes e tomadores de opinião atuais e os potenciais a obter, por meio da experiência em primeira mão, percepções mais precisas e uma compreensão mais profunda destas realidades nas sociedades uns dos outros, que ultimamente tendem a afetar as relações internacionais (MUELER, 1986, apud SCOTT-SMITH, 2008, p. 175, tradução nossa).

Assim, o intercâmbio é utilizado como uma importante ferramenta da diplomacia pública norte-americana, influenciando e estimulando uma favorável opinião pública internacional a respeito do país. Neste contexto de cooperação diplomática é que se difundem os programas de intercâmbios promovidos pelos Estados Unidos, com o intuito de conquistar mentes e corações de outras populações (NYE JR., 2004). Hoje, existem centenas de programas de intercâmbios culturais promovidos pelos EUA, porém, cabe aqui destacar algumas iniciativas que foram marcantes para o desenvolvimento deste recurso para a política externa norte-americana.

Como mencionado anteriormente, os programas de intercâmbios do Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos EUA existem para incentivar o entendimento mútuo entre os Estados Unidos e os outros países, promovendo relações amigáveis e pacíficas através de intercâmbios educacionais, culturais, esportivos e profissionais que envolvem jovens, estudantes, educadores, artistas, atletas e líderes em ascensão nos EUA e em mais de 160 países. O início do processo dos Estados Unidos para o avanço da implementação de intercâmbios culturais como parte de sua diplomacia pública se deu com o intercâmbio de 130 jornalistas latino-americanos para os Estados Unidos em 1940, no contexto da Segunda Guerra Mundial e da Política de Boa Vizinhança, a qual o país norte-

americano tinha o objetivo de manter boas relações com os países vizinhos e estabelecer uma agenda política de cooperação e negociação diplomática com a América Latina, ao estímulo do então Coordenador de Assuntos Comerciais e Culturais para as Repúblicas Americanas, Nelson Rockefeller (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2012a).

Assim sendo, por mais de 80 anos, a ECA oferece inúmeros programas para cidadãos não americanos que desejam ir para os EUA para realizar um intercâmbio cultural, educacional ou profissional. Dentre os mais de 43 programas de intercâmbios oferecidos, destaca-se o *EducationUSA* e a *Fulbright*, este último tem grande importância para este estudo e será explorado na próxima seção deste trabalho. A respeito do programa *EducationUSA*, cabe destacar que é uma rede do Departamento de Estado dos EUA com o objetivo de promover o ensino superior dos Estados Unidos para estudantes de todo o mundo, oferecendo suporte para alunos e instituições de ensino superior a fim de compartilhar informações sobre sistemas educacionais e bolsas de estudos, bem como conectar instituições de ensino norte-americanas e estrangeiras, facilitando a internacionalização das instituições de ensino (EDUCATIONUSA, 2015; UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2012b).

Através destes elementos marcantes em relação a educação e a cultura nos Estados Unidos, compreende-se que os programas de intercâmbio educacionais constituem um dos vértices da diplomacia pública norte-americana, que promove valores e ideais junto com sua própria cultura. Os elementos mostrados na ordem cronológica desta seção são evidências de *Soft Power* desenvolvidas nos Estados Unidos, que se utiliza destes recursos para atrair estudantes e disseminar seu poder brando ao redor do mundo. Embora estes elementos de *Soft Power* tenham diferentes períodos de início de adoção pelos EUA, todos eles continuam ativos e se adaptando às mudanças dos tempos, mas continuam com alto grau de relevância na propagação da cultura norte-americana no mundo. Segundo McClory (2019), a capacidade de um país de atrair estudantes internacionais, ou facilitar intercâmbios, é uma estratégia poderosa da diplomacia pública que oferece retornos em longo prazo. Ainda assim, como previsto por Nye Jr., considerando a complexidade da cultura, existem incertezas quanto a efetividade da estratégia esperada pelos países (SINGH; MACDONALD, 2017).

A seguir, o programa de intercâmbios *Fulbright* é apresentado, a fim de demonstrar a disseminação da cultura norte-americana através dos programas de intercâmbio promovidos pelos Estados Unidos.

4.3 A *Fulbright*

O Programa *Fulbright* é um dos principais programas de intercâmbio educacional internacional patrocinado pelo governo dos Estados Unidos. Seu objetivo primordial é aumentar o entendimento mútuo entre os Estados Unidos e outros países. A Comissão *Fulbright*, como é também chamado o Programa, oferece aos participantes - escolhidos por seu mérito acadêmico e potencial de liderança - a oportunidade de estudar, ensinar e conduzir pesquisas, trocar ideias e contribuir para encontrar soluções para preocupações internacionais compartilhadas. Assim, pode-se conceber que a *Fulbright* é um elemento importante das relações bilaterais dos Estados Unidos com países ao redor do mundo (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2012b).

Criado em 1946, pelo então senador estadunidense J. William Fulbright, o Programa *Fulbright* consolidou a política de intercâmbios educacionais como uma ferramenta da diplomacia pública dos Estados Unidos. O programa foi elaborado no contexto pós Segunda Guerra Mundial, no momento em que os EUA estavam construindo seu novo papel internacional (ADAMS; INFELD, 2011). Durante toda sua existência, o programa já concedeu mais de 390 mil bolsas de estudos, pesquisa e ensino a cidadãos norte-americanos e estrangeiros. Além disso, a *Fulbright* opera em mais de 160 países em todo o mundo e oferece mais de 8 mil bolsas a cada ano, para estudantes, acadêmicos, professores, artistas, cientistas e profissionais norte-americanos e de fora (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2012b).

Desde sua fundação, o Programa *Fulbright* engloba relações culturais, políticas e econômicas ao mesmo tempo em que promove a cooperação internacional por meio de intercâmbios e bolsas de estudo em diferentes áreas do conhecimento. Assim, coloca em prática seus objetivos iniciais, que incluem: o aumento do entendimento mútuo entre os EUA e outros países; o fortalecimento dos laços que unem os EUA a outras nações; a promoção da cooperação internacional para educação e avanço cultural; o desenvolvimento de relações amigáveis, solidárias e pacíficas entre os EUA e outros países do mundo (TOSCANO, 2018; ADAMS; INFELD, 2011).

Por meio de intercâmbios culturais, os Estados Unidos continuaram seus esforços de diplomacia pública. Em 1961, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei do Programa de Intercâmbio Cultural e de Educação Mútua (também conhecida como Lei *Fulbright-Hays*), idealizada pelo senador James William Fulbright, seu fundador. Este novo instrumento

legislativo permitia que o governo dos EUA promovesse o entendimento mútuo entre os EUA e cidadãos estrangeiros por meio de intercâmbios culturais e educacionais. A fim de fortalecer os laços entre os Estados Unidos e outros países e "contribuir para a criação de uma vida mais pacífica e próspera para as pessoas em todo o mundo", o governo tornou-se patrocinador dos programas de intercâmbio educacionais e culturais para norte-americanos e estrangeiros (UNITED STATES CODE, 1961 apud BENTO, 2017, p. 67).

Visto como uma preciosa ferramenta de política externa pelo governo dos Estados Unidos, o Programa *Fulbright* cumpre um papel importante na disseminação da cultura e valores norte-americanos, propagando simultaneamente os valores de democracia, liberdade e igualdade no exterior. Atualmente, o Programa *Fulbright* é administrado pelo Conselho para o Intercâmbio Internacional de Acadêmicos (CIES), uma divisão do Instituto de Educação Internacional (IIE), sob a direção do Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos EUA. Conta com mais de 23 tipos de intercâmbios para estudantes, acadêmicos, professores, diferentes profissionais e grupos de pesquisa das mais diversas áreas de estudo (TOSCANO, 2018; ADAMS; INFELD, 2011; UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2012b).

Dentre os diversos tipos de programas e bolsas ofertados pela Comissão *Fulbright* destaca-se:

- ***Fulbright English Teaching Assistant (ETA) Program***: O Programa *Fulbright English Teaching Assistant* coloca recém-formados e jovens profissionais como assistentes de ensino de inglês em escolas primárias e secundárias ou universidades no exterior, melhorando as habilidades de língua inglesa dos alunos estrangeiros e o conhecimento dos Estados Unidos.
- ***Fulbright Foreign Student Program***: Este programa oferece oportunidades para estudantes de graduação estrangeiros, jovens profissionais e artistas do exterior para estudar, conduzir pesquisas e / ou ensinar sua língua nativa nos Estados Unidos.
- ***Fulbright Foreign Language Teaching Assistant Program***: O Programa de Assistente de Ensino de Língua Estrangeira da *Fulbright* coloca educadores em início de carreira como Assistentes de Ensino de Língua Estrangeira em faculdades e universidades dos EUA, melhorando as habilidades dos alunos em língua estrangeira e o conhecimento de outros países. Além de desempenhar funções de ensino, os “FLTAs” participam de cursos, conduzem atividades linguísticas e culturais em suas

comunidades anfitriãs e aprimoram suas habilidades na língua inglesa e conhecimento dos Estados Unidos.

- ***Fulbright US Scholar Program***: Este programa envia acadêmicos, artistas, professores e profissionais norte-americanos ao exterior para dar palestras e / ou conduzir pesquisas por até um ano.
- ***Fulbright European Union Scholar-in-Residence (EUSIR) Program***: O Programa *Fulbright EUSIR* visa fortalecer a experiência dos EUA em assuntos da União Europeia (UE). O programa traz acadêmicos e profissionais de países da UE para faculdades e campus universitários dos EUA para bolsas de um semestre para ministrar palestras e seminários, consultar professores e alunos sobre pesquisas, participar de estudos colaborativos e fornecer ajuda a instituições vizinhas e à comunidade local.

Hoje, o Programa *Fulbright* opera em mais de 160 países, tendo Comissões *Fulbright* em 49 deles, incluindo o Brasil. Por meio da cooperação conjunta no planejamento, tomada de decisões e gestão do programa, as Comissões *Fulbright* planejam e implementam intercâmbios educacionais, recrutam e indicam candidatos para bolsas; designam instituições educacionais locais qualificadas para hospedar os *Fulbrighters* (como são chamados os participantes dos programas *Fulbright*); trabalham na arrecadação de fundos; envolvem ex-alunos; apoiam os *Fulbrighters* norte-americanos que chegam; e, em muitos países, operam um serviço de informações para o público em estudo nos Estados Unidos. Onde não existem Comissões da *Fulbright*, o programa é administrado pelas embaixadas dos Estados Unidos em cooperação com os governos dos países anfitriões (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2012b).

O Programa *Fulbright* impacta os participantes no âmbito global, porém também tem um impacto local significativo e duradouro. Ao retornar aos seus países de origem, instituições ou salas de aula, os *Fulbrighters* compartilham suas histórias e experiências e frequentemente se envolvem em projetos subsequentes ou continuam o trabalho que iniciaram no exterior. Esse envolvimento cria um efeito multiplicador que leva a colaborações duradouras entre as comunidades (UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2012b).

Portanto, o Programa *Fulbright* é considerado um dos principais meios da diplomacia pública americana para estabelecer uma imagem positiva no meio internacional. É também a principal ferramenta para os intelectuais americanos interagirem com o resto do mundo e vice e versa, sendo o maior programa de intercâmbios educacionais promovido pelos Estados

Unidos (TOSCANO, 2018).

4.3.1 *Fulbright*: aplicação prática do exemplo do estudo por meio de entrevistas

Para dar seguimento à análise qualitativa deste trabalho, foram entrevistadas duas estudantes de países emergentes, Brasil e México, que participaram do programa de intercâmbio *Fulbright*. O propósito das entrevistas busca verificar a percepção das participantes acerca dos EUA antes e após esta experiência, para identificar de que forma os intercâmbios contribuem para a promoção da cultura norte-americana ao redor do mundo. Cabe ressaltar, que o objetivo das entrevistas não é validar ou invalidar a hipótese do trabalho, e sim iniciar uma compreensão sobre os resultados práticos do *Soft Power*, sem o objetivo de levar a análise à exaustão.

A entrevistada A é brasileira, tem 34 anos e atua como professora de português no Instituto Federal do Rio Grande do Sul. A entrevistada B é mexicana, tem 35 anos e trabalha como professora de inglês em uma escola de uma pequena cidade no México, é professora também em uma universidade, trabalhando com cursos relacionados à educação. As duas entrevistadas participaram do programa FLTA – *Fulbright Foreign Language Teaching Assistant Program* em 2014, e passaram um ano acadêmico (9 meses) nos EUA. A entrevistada A morou na cidade de Atlanta, no estado da Geórgia e a entrevistada B viveu em Indianola, no estado de Iowa, nos Estados Unidos.

Com relação aos objetivos das entrevistadas ao fazer um intercâmbio, o propósito maior era o de aperfeiçoamento em suas áreas de atuação. A entrevistada A afirma que realizou o intercâmbio para se especializar no ensino de português para estrangeiros e voltar para o Brasil com esta experiência. A entrevistada B relata que seu maior objetivo era aprender sobre a cultura norte-americana, aperfeiçoar a língua inglesa para passar estes ensinamentos para seus alunos no México. Estas considerações corroboram com as percepções de McClory (2019) e Nye Jr. (2014) que sustentam que o intercâmbio cultural é instrumento importante para o desenvolvimento do *Soft Power* de um país, e pode ser utilizado como recurso crucial para a diplomacia pública – atraindo estudantes e pesquisadores e criando oportunidades e colaborações que promovam objetivos culturais (SINGH; MACDONALD, 2017).

No que diz respeito à escolha do país para a realização do intercâmbio, neste caso, os Estados Unidos, a entrevistada A observa que escolheu realizar o intercâmbio devido ao programa oferecido pela *Fulbright*. Ela menciona a escolha do programa pelos vários benefícios oferecidos, como assistência durante todo o processo de aplicação, seguro saúde e toda a preparação para o intercâmbio. No caso da entrevistada B, a escolha dos EUA se deu pela

proximidade do país de sua residência e mais ainda pela questão da língua inglesa. No México, as pessoas aprendem o inglês americano na escola, tornando-se mais acessível para a entrevistada participar do programa. Algo que a entrevistada B relata que também levou em consideração foi tudo o que estava incluso no programa, todos os benefícios como acomodação, alimentação, remuneração, etc. Ela afirma que foi a melhor opção para ela. Um motivo importante apresentado pelas entrevistadas, ao escolher o programa *Fulbright*, foi o fato de o programa ter muito prestígio, ser relevante mundialmente e pelo reconhecimento que se ganha depois de participar de um programa *Fulbright*.

Se mostra evidente, diante das afirmações das entrevistadas, a dimensão do programa de intercâmbios *Fulbright*, seu reconhecimento e prestígio ao redor do mundo, como constatado neste capítulo. Nota-se a importância do programa de intercâmbios para a política pública norte-americana como ferramenta para os intelectuais americanos interagirem com o resto do mundo e vice e versa. Como relatado anteriormente no referencial teórico deste trabalho, McClory (2019) compreende que um dos subíndices do *Soft Power* é a educação, que tem como objetivo capturar as contribuições dos países para o conhecimento global e o avanço do conhecimento humano. Assim sendo, um dos objetivos iniciais do programa *Fulbright* diz respeito à promoção da cooperação internacional para a educação e avanço cultural, e é possível observar na prática como isto acontece, quando os estudantes retornam aos seus países de origem e compartilham suas experiências com sua comunidade.

Nye Jr. (2004) e McClory (2019) apontam a cultura como elemento importante do *Soft Power*. Como já mencionado neste trabalho, a cultura pode acontecer de diferentes maneiras: por meio da língua, da educação e do cinema, por exemplo. Através das entrevistas, constatou-se que ambas as entrevistadas já estavam familiarizadas com questões culturais norte-americanas através de filmes, livros e séries de televisão antes mesmo de passarem por esta experiência. Outro fator mencionado foi o entendimento do idioma. Para a entrevistada A, o fato de falar inglês e a exposição que já tinha com a cultura norte-americana fizeram com que as diferenças culturais não fossem grandes lá, pois ela já esperava como a experiência seria e foi como ela previa, então ela não teve nenhum choque cultural. Já para a entrevistada B, a experiência foi diferente, ela relata que aprendeu muito com as diferenças culturais do país e não esperava que os norte-americanos fossem tão amigáveis com ela, não como mostrava nos filmes que havia assistido. Mas que a sua percepção sobre a importância do inglês mudou consideravelmente, e percebeu que a língua inglesa é uma necessidade na atualidade. A respeito da difusão da educação norte-americana, a entrevistada A comenta que a universidade em que fez o intercâmbio está entre as 20 melhores universidades do mundo, e ao receber a lista de

universidades para a bolsa, havia um ranking das universidades para ela escolher. Ela já sabia que algumas universidades, que estavam entre as melhores do mundo, eram norte-americanas.

Assim, é possível comprovar a propagação da cultura norte-americana por meio de filmes e séries de *Hollywood*, a importância da língua inglesa como Língua Franca e a difusão do ensino superior. Estes fatos evidenciam o poder cultural do *Soft Power* norte-americano, como constatado neste trabalho por Nye Jr. (2004), o qual ressalta que os meios de atração de um país podem ocorrer através da propagação de sua cultura, por meio da educação; dos valores políticos, com a disseminação da ideia de valores universais; e por intermédio da política externa, utilizando-se da cooperação e do apoio internacional.

Porém, constatou-se, durante as entrevistas, um contraste às visões de McClory (2019) e Nye Jr. (2014), os quais afirmam que o intercâmbio acadêmico-cultural ajuda a construir uma visão mais positiva sobre o país. Na verdade, percebe-se um entendimento mais real do país, e não necessariamente uma visão positiva. A entrevistada A, por exemplo, relata aspectos negativos da maneira de como a educação é vista como uma mercadoria nos EUA, a questão da competitividade entre alunos na esfera acadêmica foi impactante para ela e isto acarretou uma percepção mais negativa sobre país. Já a entrevistada B descreve aspectos positivos e negativos sobre a sua experiência, destacou as diferenças das condições de vida das pessoas em um país de primeiro mundo, como os Estados Unidos. Outra consideração importante relatada pela entrevistada B é o fato de que nem tudo é como o “*American Dream*” (sonho americano), e que as diferenças são grandes entre eles em todos os sentidos (aspectos culturais, língua, transporte, localidades, educação, sistema de saúde). Para ela, foi um choque cultural ver o desperdício das coisas e consumismo desenfreado dos norte-americanos. Já com relação a compreensão da política norte-americana, a entrevistada A afirma que esta não mudou após o intercâmbio, pois as ideias ou expectativas que tinha era de fato o que acontecia. A entrevistada B menciona que os EUA em geral, antes do governo do ex-presidente Donald Trump, mostravam para o mundo que eram abertos à novas ideias e perspectivas, e através de sua experiência constatou que os norte-americanos em geral, respeitam a diversidade mundial. Assim, nota-se que ao utilizar os intercâmbios culturais como estratégia de *Soft Power*, um país pode ou não obter os resultados almejados, já que a experiência pode trazer aspectos bons e ruins sobre aquele país.

Todavia, quando questionada se voltaria para os Estados Unidos, seja para morar ou estudar, a entrevistada B afirmou que certamente voltaria para o país, pois alega que gostou muito da cultura, das oportunidades e programas diferentes disponibilizados lá. Acredita que eles têm uma ótima estrutura, programas e professores. Já a entrevistada A relata que voltou

para os Estados Unidos após esta experiência, ela aplicou para outro programa de intercâmbio e foi selecionada por ter tido esta primeira experiência com a *Fulbright*. Porém, seus objetivos no momento são outros, então permanecerá no Brasil, e não tem interesse de voltar para os EUA. Cabe acrescentar que a entrevistada B participou de outro programa *Fulbright* em 2011. Este programa foi um “*Summer program*”, um intercâmbio de um mês para professores de inglês mexicanos. Era um programa focado em aperfeiçoamento de professores sobre metodologia, novas técnicas de aprendizagem, de abordagens e estratégias para dar aulas. Assim, é possível constatar o quanto o intercâmbio cultural promove a troca de ideias, experiências e valores de uma nação para outra.

Com relação a questão de que o intercâmbio acadêmico-cultural pode criar melhores oportunidades de trabalho, a entrevistada B afirma que esta experiência criou novas oportunidades de trabalho. Pois após retornar para o México, ela conseguiu um trabalho na universidade para lecionar cursos de cultura. Por outro lado, a entrevistada A admite que para o seu objetivo, que era o concurso público no Brasil, esta experiência não mudou as oportunidades de trabalho que ela almejava, porém esta vivência foi muito importante para seu desenvolvimento profissional, até mesmo por ter sido coordenadora de dois programas de doutorado da *Fulbright* oferecidos para bolsistas brasileiros no escritório em Brasília, onde trabalhou por um certo período de tempo. Cabe destacar que, ambas declaram que a partir deste intercâmbio, muitas oportunidades de estudo e qualificação foram possíveis. A entrevistada A reconhece que a possibilidade de retornar aos EUA mais tarde se deu pelo fato de ela ter participado do programa *Fulbright*. A entrevistada B afirma que esta experiência a proporcionou qualificações de estudo, pois enquanto estava lá, ela conseguiu fazer cursos em que aprendeu muito, e até hoje continua se desenvolvendo.

É possível perceber que o intercâmbio acadêmico possibilita a diversidade cultural entre as sociedades, através da troca de conhecimento, e a própria cultura por meio de interação social (RIBEIRO, 2017). Isto corrobora com a concepção trazida anteriormente, de que a cultura por meio de intercâmbios, é uma ferramenta poderosa para construir pontes entre as pessoas e fortalecer o entendimento mútuo. Os *Fulbrighters* compartilham suas histórias e experiências e frequentemente se envolvem em projetos subsequentes ou continuam o trabalho que iniciaram no exterior. Esse envolvimento cria um efeito multiplicador que leva a colaborações duradouras entre as comunidades. A entrevistada A relata que através desta experiência, criou um programa de parceria com a universidade dos EUA e uma universidade de São Paulo, onde estudantes norte-americanos ficam no Brasil por um período de tempo, e estudantes brasileiros vão para os EUA para conhecer a universidade de lá, e continuar esta troca de conhecimento. É possível

ver os impactos destes programas de intercâmbio, pois no caso da entrevistada A, neste projeto de parceria os estudantes levaram conhecimentos relacionados ao sistema de saúde do Brasil para os EUA de maneiras bem impactantes, com trabalhos muito significativos e científicos. Ambas entrevistadas declaram que levaram para suas comunidades a maneira de ensinar e as práticas pedagógicas aprendidas nos EUA. A entrevistada B cita que após esta experiência ela está mais ciente da importância de ensinar sobre cultura dentro da sala de aula, e isto a ajudou muito em seu trabalho. Além disso, declara que aprendeu muitas experiências culturais diferentes para compartilhar com seus alunos, para compartilhar fatos mais realistas sobre a cultura norte-americana.

Assim, como já demonstrado neste trabalho, é possível comprovar o papel do intercâmbio acadêmico-cultural como uma ferramenta de *Soft Power* norte-americano, Bento (2017) e McClory (2013) afirmam que esta prática possibilita um vínculo mais duradouro entre as populações, criando e mantendo relacionamentos com públicos de outros países para promover políticas e ações. Isto acontece em função da natureza da interação social e cultural que propõe entre as populações. Além disso, Nye Jr. (2008) considera os intercâmbios como fontes de aumento de *Soft Power*, pois muitos estudantes internacionais que são escolhidos para as bolsas, são líderes em potencial que retornam a seus países de origem para ocupar cargos importantes nos setores público e privado, onde disseminam o que aprenderam durante sua formação acadêmica.

Quando questionadas a respeito dos impactos desta experiência em suas vidas, ambas entrevistadas mencionam o fato de um intercâmbio ser uma experiência transformadora que possibilita uma visão mais ampla sobre o mundo e sobre as questões de multiculturalidade. Além disso, elas relatam que as interações com outras pessoas de diferentes países foram impactantes e de muita aprendizagem. Isto corrobora com a ideia de Knight (2014), quando afirma que no intercâmbio acadêmico, além do intercâmbio de pessoas, existe também uma troca de conhecimentos, competências, valores, inovação, economia, tecnologia e cultura.

Por fim, percebe-se o impacto dos intercâmbios acadêmico-culturais para as entrevistadas quando questionadas se indicariam o programa *Fulbright* para outras pessoas, e suas respostas foram afirmativas. A entrevistada A diz que é uma experiência que vale a pena, e acredita que esta é uma experiência muito transformadora, que faz com que as pessoas saiam da sua zona de conforto. A entrevistada B indica o programa para amigos e familiares, pois afirma que foi uma experiência que mudou sua vida, alegando ter sido um momento decisivo em sua vida. Ela gostaria que mais mexicanos tivessem mais oportunidades de ganhar esta bolsa e se sente honrada em ter sido escolhida para participar do programa, com pessoas com tantos potenciais

e com tanto para compartilhar. Afirma que está sempre disposta a participar e ajudar a *Fulbright*, como também acontece com a entrevistada A.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho era identificar a importância do intercâmbio cultural como instrumento de *Soft Power* norte-americano, sobretudo compreendendo a cultura como recurso de poder importante nas relações internacionais. Os termos *Soft Power* e cultura foram relacionados durante o texto com o propósito de entender como os Estados Unidos utilizam os intercâmbios culturais para propagar a cultura norte-americana e atrair estudantes de diversas partes do mundo.

Para isso, o conceito de *Soft Power* foi desenvolvido no segundo capítulo, que constitui o referencial teórico deste trabalho. Através das contribuições de autores como Joseph Nye Jr. (2004, 2008) e de Jonathan McClory (2019) foi possível alcançar o primeiro objetivo específico do trabalho, o qual tratava de definir o conceito de *Soft Power* nas Relações Internacionais. Deste modo, apresentou-se uma retomada histórica sobre a definição de poder, evidenciando como seu conceito foi modificado ao longo do tempo, sobretudo após o processo de globalização que acarretou em mudanças e transformações da sociedade e seus comportamentos. A partir disto, foi possível constatar que existe uma forma de poder a qual faz uso da atração para um país conseguir alcançar objetivos desejados, sem fazer o uso da força militar, ameaças ou pagamentos.

Assim, o conceito de *Soft Power* foi apresentado, considerando a cultura como uma das principais fontes de *Soft Power*. Conforme vimos com a obra de Nye Jr. (2004), o *Soft Power* nasce da atratividade da cultura, ideias e políticas de um país, e ao interligar isto com as ideias de McClory (2019), foi possível entendermos o quanto a sedução é mais efetiva do que a coerção, considerando a cultura e a educação como fatores fundamentais para o fortalecimento e a propagação do *Soft Power* de um país.

A partir deste momento, entendeu-se a importância da cultura como sendo um dos alicerces do *Soft Power* de um país. Nye Jr. (2004, 2008) e McClory (2019) afirmaram que ela pode acontecer de muitas maneiras: por meio da literatura, da língua, das artes, da educação, do cinema, filmes, músicas, esportes etc. Ao mesmo tempo, a obra de Martins (2002) contribuiu com a concepção de que a cultura engloba aspectos peculiares, como língua, espaço, época, religião, etc. onde os indivíduos encontram sua identidade pessoal ligada ao conjunto de princípios que os definem. Assim, o segundo objetivo específico foi alcançado, apresentando a importância da cultura nas Relações Internacionais, considerando o *Soft Power* e a diplomacia pública. Ademais, observamos nas obras de Nye Jr. (2004, 2008), a relevância de valores culturais de um país como recursos importantes para a política internacional. Ao compartilhar

os traços culturais com outras nações e apresentá-los como universais, um país avança seu poder, de maneira branda (*Soft Power*), no sistema internacional.

O terceiro objetivo específico, de identificar o intercâmbio cultural como difusor de *Soft Power*, destacando o caso norte-americano, foi contextualizado no quarto capítulo. Neste ponto do trabalho, compreendeu-se que o intercâmbio cultural promove a troca de ideias, experiências e valores de uma nação para outra. Ao mesmo tempo que cria e consolida uma atmosfera propícia à compreensão e o entendimento mútuo, fortalecendo a paz e aproximando povos e culturas. Através de fontes bibliográficas buscou-se elucidar de que maneira os intercâmbios acadêmico-culturais podem disseminar a educação e a cultura de um país, fortalecendo a sua diplomacia pública, uma vez que os fatores culturais são relevantes nas relações internacionais e têm despertado o interesse dos países em buscar sua participação global e influência.

A fim de demonstrar a evolução do *Soft Power* nos Estados Unidos, apresentou-se uma tabela cronológica com elementos marcantes relacionados à cultura e à educação, que comprovam que o país norte-americano se utiliza de diferentes recursos para atrair estudantes e disseminar seu poder brando ao redor do mundo. Como vimos, alguns destes recursos são a língua inglesa como Língua Franca, a difusão do ensino superior e o intercâmbio acadêmico-cultural.

Na etapa de apresentação dos dados empíricos da pesquisa, para alcançar o último objetivo específico que se tratava de apresentar o programa de intercâmbios *Fulbright* de modo a compreender de que forma os intercâmbios contribuem para a promoção da cultura norte-americana ao redor do mundo, utilizou-se de dados do site do programa *Fulbright*. Assim, foi possível apresentar e explicar alguns dos diferentes programas de intercâmbio oferecidos pelos EUA, que possibilitam a promoção da cooperação internacional para educação e avanço cultural mundial.

Além disso, para contribuir com este objetivo específico do trabalho, utilizou-se as entrevistas semiestruturadas com duas estudantes que participaram de um programa *Fulbright*. Desta maneira, foi possível constatar que o intercâmbio acadêmico-cultural é uma importante ferramenta de política externa norte-americana, que possibilita uma troca cultural entre diferentes países. O programa *Fulbright* dissemina a cultura e valores norte-americanos através de seus programas, porém, isto não significa que estes valores serão propagados no exterior pelos participantes. Assim, verifica-se como a cultura corresponde a um tema amplo, complexo e abrangente, porém provoca grande impacto na vida daqueles que participam de um programa de intercâmbio cultural.

Sendo assim, este trabalho buscou responder à seguinte pergunta: Qual a importância do intercâmbio cultural como ferramenta de *Soft Power* para os Estados Unidos?

O intercâmbio possibilita uma troca cultural entre participantes de diferentes nacionalidades. Portanto, através desta pesquisa, é possível compreender que os intercâmbios culturais são instrumentos importantes de *Soft Power* norte-americano para a promoção de conhecimento e trocas culturais entre nações. Eles têm grande capacidade de gerar benefícios para os participantes envolvidos, tanto para os estudantes quanto para os países, estabelecendo assim uma imagem positiva do país no meio internacional. Sendo assim, se configura em uma ferramenta importante para a diplomacia pública dos Estados Unidos, na cooperação e aliança com outros países, fortalecendo as suas relações de influência mundial e potencializando seu *Soft Power*.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, W. C.; INFELD, D. L. Fulbright Scholars in Political Science. **PS - Political Science & Politics**, [s.l.], v. 44 , n. 3 , p. 509-513, jul. 2011. Disponível em: <https://www-cambridge.ez127.periodicos.capes.gov.br/core/journals/ps-political-science-and-politics/article/fulbright-scholars-in-political-science/01D7D7B3F8ABC702B217604525F1DA3A>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- AAU. Association of American Universities. Who we are. **AAU**, Washington, 29 nov. 2018. Disponível em: <https://www.aau.edu/who-we-are>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- BENTO, Luísa Saraiva. **Winning hearts and minds: a diplomacia estadunidense dos intercâmbios educacionais para a América Latina**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31547>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- BU, Liping. Educational Exchange and Cultural Diplomacy in the Cold War. **Journal of American Studies**, [s.l.], v. 33, n. 3, p. 393-415, dez. 1999. Disponível em: www.jstor.org/stable/27556683. Acesso em: 20 mar. 2021.
- CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Brasília, DF: Funag, 2012.
- CHAKRABORTY, Kishore. **Cultural Diplomacy Dictionary**. Berlim: Center for Cultural Diplomacy Studies, 2013.
- CHAN, Kai L. **Power Language Index**. [S.l.]: INSEAD, 2016.
- COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, Araguaína, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/975>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- COSTA, Renan Ferreira. **A importância de intercâmbios acadêmicos para potencializar o soft power de um país**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/23236>. Acesso em: 17 jan. 2021.
- DUBBER, J.; DONALDSON, A. How soft power can help meet international challenges. **British Council**, [s.l.], set. 2015. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/research-policy-insight/insight-articles/how-soft-power-can-help-meet-international-challenges>. Acesso em: 07 jun. 2020.
- EDUCATIONUSA. About EducationUSA. **EducationUSA**, Washington, 25 jun. 2015. Disponível em: <https://educationusa.state.gov/about-educationusa>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- GALDIOLI, Andreza da Silva. **A cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a política de boa vizinhança**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Estadual Paulista/Universidade Estadual de Campinas/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96282>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILBOA, Eytan. Searching for a Theory of Public Diplomacy. **AAPSS**, [s.l.], v. 616, n. 1, p. 55-77, mar. 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0002716207312142>. Acesso em: 23 mar. 2021.

GOMES, Aline Burni Pereira. Percepções, imagens e diplomacia cultural: algumas considerações sobre o caso brasileiro. **Revista Estudos Políticos**, Niterói, v. 6, n. 12, p. 443-465, dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/issue/view/2051. Acesso em: 08 fev. 2021.

HERZ, John. Idealist Internationalism and the Security Dilemma. **World Politics**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 157-180, 1950. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2009187>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ICEF. The state of international student mobility in 2015. **ICEF**, [s.l.], 05 nov. 2015. Disponível em: <https://monitor.icef.com/2015/11/the-state-of-international-student-mobility-in-2015>. Acesso em: 21 jan. 2021.

IIE. Institute Of International Education. International Student Enrollment Trends, 1948/49-2019/20. **Open Doors**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://opendoorsdata.org/data/international-students/enrollment-trends/>. Acesso em: 08 de abril de 2021.

IIE. Institute Of International Education. Number of International Students in the United States Hits All-Time High. **IIE**, Washington, 18 nov. 2019. Disponível em: <https://www.iie.org/Why-IIE/Announcements/2019/11/Number-of-International-Students-in-the-United-States-Hits-All-Time-High>. Acesso em: 08 abr. 2021.

KNIGHT, Jane. Do soft power à diplomacia do conhecimento. **Revista Ensino Superior Unicamp**. Tradução de Sergio Azevedo Correa. Campinas, v. 80, 13 jul. 2015. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/do-soft-power-a-diplomacia-do-conhecimento>. Acesso em: 17 jan. 2021.

KNIGHT, Jane. The limits of soft power in higher education. **University World News**, London, 31 jan. 2014. Disponível em: <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20140129134636725>. Acesso em: 17 jan. 2021.

LOPES, R. S.; BAUMGARTNER, C. T. Inglês como língua franca: explicações e implicações. **The Especialist**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1-13, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37053>. Acesso em: 23 mar. 2021.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Relações internacionais: cultura e poder**. Brasília, DF: Funag/Ibri, 2002.

MCCLORY, Jonathan. The New Persuaders III: A 2012 Global Ranking of Soft Power. **Institute For Government**, [s.l.], 6 set. 2013. Disponível em: <https://www.instituteforgovernment.org.uk/publications/new-persuaders-iii>. Acesso em: 27 set. 2020.

MCCLORY, Jonathan. **The Soft Power 30: A global ranking of Soft Power**. Portland: USC Center on Public Diplomacy, 2019.

MINTZ, Sidney W. Cultura: uma visão antropológica. **Tempo**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 223-237, jun. 2010. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042010000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 fev. 2021.

MORGENTHAU, Hans J. **A política entre as nações**: a luta pelo poder e pela paz. Tradução de Oswaldo Biato. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília e Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003.

NAFSA. The History of NAFSA: Association of International Educators. **NAFSA**, Washington, 19 mar. 2016. Disponível em: <https://www.nafsa.org/about/about-nafsa/history-nafsa-association-international-educators>. Acesso em: 28 mar. 2021.

NELSON, Adam R. Regionalisation and internationalisation in higher education and development: a historical perspective, c. 1950–1970. **Journal of Higher Education Policy & Management**, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 238–248, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1360080X.2013.786858>. Acesso em: 26 mar. 2021.

NYE JR., Joseph S. Public Diplomacy and Soft Power. **AAPSS**, [s.l.], v. 616, n. 1, p. 94-109, mar. 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0002716207311699>. Acesso em: 27 set. 2020.

NYE JR., Joseph S. Soft Power and Higher Education. **EDUCAUSE**, [s.l.], 01 jan. 2005. Disponível em: <https://library.educause.edu/resources/2005/1/soft-power-and-higher-education>. Acesso em: 28 mar. 2021.

NYE JR., Joseph S. **Soft Power**: the means to success in world politics. Nova York: Public Affairs, 2004.

NYE JR., Joseph S. **The future of Power**. Nova York: Public Affairs, 2011.

OURIVEIS, Maíra. Soft Power e a Indústria Cultural: A Política Externa Norte-Americana presente no cotidiano do indivíduo. **RARI**, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 168-196, out. 2013. Disponível em: <https://rari.ufsc.br/files/2013/10/RARI-N%C2%B04-Vol.-II-Artigo-7.pdf>. Acesso em: 15 mar. 021.

PORTO, Cristiane de Magalhães. Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica. In: PORTO, C. M.; BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S. T. (org.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica**: leituras contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 93-122.

RIBEIRO, Rafael. **O Ensino de Línguas Estrangeiras como Ferramenta de Soft Power e Estratégia de Política Externa**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/22629>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SANTOS, S. R. *et al.* Turismo e intercâmbio: Contribuições para a formação discente nos cursos de graduação das instituições de ensino superior de São Luís, Maranhão. **CULTUR**, Maranhão, v. 8, n. 2, p. 57-85, jul. 2014. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/issue/view/42>. Acesso em: 17 jan. 2021.

SCOTT-SMITH, Giles. Mapping the Undefinable: Some Thoughts on the Relevance of Exchange Programs within International Relations Theory. **AAPSS**, [s.l.], v. 616, n. 1, p. 173-195, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002716207311953#articleCitationDownloadContainer>. Acesso em: 17 jan. 2021.

SCOTT-SMITH, Giles. Still Exchanging? The History, Relevance, and Effect of International Exchange Programs. **E-International Relations**, [s.l.], 14 set. 2012. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2012/09/14/still-exchanging-the-history-relevance-and-effect-of-international-exchange-programs/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SINGH, J. P.; MACDONALD, S. **Soft Power Today**: Measuring the influences and effects. Edimburgo: British Council, 2017.

THE. Times Higher Education. Best universities in the world. **Times Higher Education**, [s.l.], 20 set. 2020. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/student/best-universities/best-universities-world>. Acesso em: 08 abr. 2021.

TOSCANO, Daniella Maria Barandier. **Diplomacia pública, Soft power e influência dos Estados Unidos no Brasil**: o programa Fulbright e a cooperação educacional (1957-2010). Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31698>. Acesso em: 02 jun. 2020.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Declaração Universal da UNESCO sobre a diversidade cultural**. Paris: UNESCO, 2002.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Unesco Science Report**: towards 2030. Paris: UNESCO, 2015.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. History and Mission of ECA. **Bureau of Educational and Cultural Affairs**, [s.l.], 15 nov. 2012a. Disponível em: <http://eca.state.gov/about-bureau/history-and-mission-eca>. Acesso em: 31 mar. 2021.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. The Fulbright Program. **Bureau of Educational and Cultural Affairs**, [s.l.], 04 dez. 2012b. Disponível em: <https://eca.state.gov/fulbright>. Acesso em: 03 abr. 2021.

USC CENTER ON PUBLIC DIPLOMACY. Defining Public Diplomacy. **USC Center on Public Diplomacy**, Los Angeles, 2003. Disponível em: <https://uscpublicdiplomacy.org/page/what-is-pd>. Acesso em: 03 fev. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZOYSA, R.; NEWMAN, O. Globalization, soft power and the challenge of Hollywood. **Contemporary Politics**, [s.l.], v. 8, n. 3, p. 185-202, set. 2002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1356977022000025678>. Acesso em: 21 mar. 2021.

APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas

1. Qual seu nome? sua profissão? Onde você trabalha?
2. Você realizou um intercâmbio pelo programa *Fulbright*. Quando? Qual programa de intercâmbio você fez? Quais eram seus objetivos?
3. Quanto tempo você ficou nos EUA, em qual cidade/Estado?
4. Por que você escolheu os EUA para fazer intercâmbio? Por que escolheu a *Fulbright*?
5. Como foi para você viver nos EUA (aspectos que você acha bons e ruins)? O que você viveu e aprendeu sobre os EUA, sobre a cultura americana (...) através das atividades que foi desenvolver lá?
6. Você voltaria para os EUA de novo (para estudar, trabalhar ou viver)?
7. O que você acha que mudou na sua vida entre antes e depois desta experiência, considerando os seguintes elementos:
 - 7.1 Visão geral sobre a cultura norte-americana:
 mudou muito mudou pouco não mudou não sei responder passei a valorizar mais a cultura do meu país
 - 7.2 Compreensão da política norte-americana:
 mudou muito mudou pouco não mudou não sei responder
 - 7.3 Conhecimento da língua inglesa e sua importância no mundo:
 mudou muito mudou pouco não mudou não sei responder
 passei a valorizar mais minha língua materna
 - 7.4 Compreensão sobre o sistema de educação norte-americano e seu impacto no mundo:
 mudou muito mudou pouco não mudou não sei responder passei a valorizar mais a educação do meu país
 - 7.5 Passou a valorizar e “consumir” mais produtos norte-americanos (filmes, livros, músicas, cursos, etc.):
 Mudou muito mudou pouco não mudou não sei responder
 - 7.6 A experiência nos EUA criou novas e melhores oportunidades de trabalho:
 Mudou muito mudou pouco não mudou não sei responder
 - 7.7 A experiência nos EUA criou novas oportunidades de estudo/qualificação:
 Mudou muito mudou pouco não mudou não sei responder
8. Joseph Nye entende que o intercâmbio cultural como ferramenta de *Soft Power* ajuda a construir uma visão positiva sobre o país, você acha que após ter vivido esta experiência a sua opinião sobre os Estados Unidos mudou? Se sim sobre qual aspecto?

9. Para Joseph Nye, o intercâmbio é uma das maneiras em que a cultura de um país pode ser transmitida. Você concorda? Após o seu retorno, o que você trouxe para sua comunidade desta experiência? O que você aplicou aqui no Brasil?
10. Em termos gerais, qual(quais) impacto(s) desta experiência na sua vida?
11. Você sugere para amigos e outras pessoas tentar estudar nos EUA? Por quê?